

Elisângela Bassi

**O PERCURSO SÓCIO-COGNITIVO DA CONSTRUÇÃO DA
REFERÊNCIA EM SITUAÇÕES INTERATIVAS ENVOLVENDO AFÁSICOS E
NÃO AFÁSICOS**

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

2006

Elisângela Bassi

**O PERCURSO SÓCIO-COGNITIVO DA CONSTRUÇÃO DA
REFERÊNCIA EM SITUAÇÕES INTERATIVAS ENVOLVENDO AFÁSICOS E
NÃO AFÁSICOS**

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Edwiges Maria
Morato.

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2006

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por ELISANGELA BASSI

e aprovada pela Comissão Julgadora em
25/08/2006.

Banca Examinadora:



Profª Drª Edwiges Maria Morato (UNICAMP), orientadora

Profª Drª Anna Christina Bentes (UNICAMP)

Profª Drª Vanda Elias (PUC-SP)

Profª Drª Inês Signorini (UNICAMP), suplente

Profª Drª Heloisa de Oliveira Macedo, suplente

B294p

Bassi, Elisângela.

O percurso sócio-cognitivo da construção da referência em situações interativas envolvendo afásicos e não afásicos / Elisângela Bassi. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador : Edwiges Maria Morato.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Interação. 2. Afasia. 3. Referencia (Lingüística). 4. Metalinguagem. 5. Neurolingüística. I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: The sócio-cognitive pathway of reference construction in interative situations involving aphasics and non aphasics..

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Interaction; Aphasia, Reference (Linguistic); Metalanguage; Neurolinguistic.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientadora); Profa. Dra. Anna Christina Bentes; Profa. Dra. Vanda Maria Elias; Profa. Dra. Inês Signorini (suplente) e Profa. Dra. Heloisa de Oliveira Macedo (suplente).

Data da defesa: 25/08/2006.

Programa de Pós-Graduação: Lingüística.

A *Clayton Peron*, pelo caminho traçado lado a lado.

A *Antonio Bassi*, que presenciou os primeiros passos dados e, se pudesse, certamente vibraria com o fim de mais esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

À *Edwiges Morato*, pela orientação e apoio durante todo o desenrolar da dissertação;

À *Equipe do LABONE*, especialmente: *Sandra Cazolato* (que ajudou, disponibilizou-se e apoiou, inclusive nas minhas ‘forçadas’ ausências de Campinas), *Helô* (pelas conversas e apoio em momentos ‘periclitantes’), *Eliana* (pela preciosa leitura dos dados, quando tudo ainda era muito embrionário e pelos ‘cafés’ nos finais de tarde), *Fernanda* (pela ajuda com as traduções em francês), *Ida* (pelos bate-papos sempre divertidos e pelo modo estimulante como encara a vida), *Caio* (pelas boas risadas que demos juntos) e *Carolina Raizer* (que ‘pegou o bonde andando’, mas que participou dos acontecimentos que permearam o final da dissertação);

À *Banca Examinadora* pelo aceite em ler e discutir esta dissertação e às professoras *Ingedore Koch* e *Vanda Elias* pela preciosa leitura por ocasião da qualificação.

Ao *Clayton*, companheiro de longa caminhada que, mesmo em momentos complicados, ultrapassou suas limitações teóricas e ‘mergulhou’ comigo no mundo da Linguística, tornando-se um dos meus interlocutores (face a face) mais participativo e presente.

Aos meus pais, *Cida e João*, que são exemplos de esforço e conquista, que batalharam a vida inteira, que deram o melhor de si e que sempre buscaram compreender as decisões de minha vida incentivando, de maneira corajosa e peculiar, cada caminho percorrido para chegar até aqui;

Aos meus irmãos, *Talita e Beto*, pelo carinho com que me acolheram em momentos difíceis e pelos ‘brigadeiros’ compartilhados. Ao *Luca* que, apesar de ter sentido a minha ausência e o meu distanciamento, fez-me sentir querida em momentos cruciais deste período;

Às minhas queridas avós, *Edna e Izabel*, pela preocupação com a minha permanência em Campinas e por compreenderem (ainda que sob protestos) a ausência necessária durante esse período;

À *Ana Luiza Marcondes Garcia* (a *Iza*), *Cristiane Cagnoto Mori de Angelis* (a *Cris*) e *Débora Alves*, pelo incentivo dado que me impulsionou a continuar;

Às amigas de sempre, *Bianca*, *Diana* e *Fabi*, pelos encontros no ‘Valas’, pelas boas risadas, tão importantes nesse período. E as amizades conquistadas, em especial à *Silvana* (a *Sil*), pelo companheirismo, pelas conversas ‘madrugadas a fio’, pelos ‘papos-cabeça’ e também pelos papos ‘sem-pé-nem-cabeça’, pelas risadas e pelas lágrimas que ora eram acolhidas e ora eram ‘choradas juntas’;

À *Albanin* e *Cássia* que, juntamente com a *Silvana*, acolheram-me na N1 e fizeram com que a minha permanência em Campinas fosse mais divertida e tranqüila;

Ao *Lucca* por algumas vezes ter me cedido seu quarto, ainda no começo de tudo. Ao *Marcio* e à *Bella* pela acolhida e apoio iniciais. Ao *Dani* por ter chegado no meio disso tudo;

À *Dona Zilda* e *Sr. Oscar*, pelo interesse e pelos inúmeros empréstimos do gravador;

À Tia *Hermínia* pelo apoio, carinho e incentivo durante todo o processo de produção da dissertação;

Ao *André* e a *Tati* por terem me tirado do ‘sufoco’ ao emprestarem o computador já ao fim desta empreitada.

Àqueles que, de um modo ou de outro, sempre me incentivaram se interessando pelo ‘andamento da dissertação’: *Dinho*, *Bernadete*, *Gildo*, *Rita*, *Denise*.

Ao pessoal da Secretaria de Pós-Graduação, em especial à *Rose*, ao *Cláudio* e ao *Carlos*, pela presteza e gentileza com que sempre me trataram;

À CAPES, pela bolsa concedida que permitiu a dedicação necessária à pesquisa.

Essa incapacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de... de quê? procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse "estilo" (!), já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente e apenas é: uma procura humilde.

(Clarice Lispector, 1999)

ÍNDICE

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
Pressupostos teóricos: os aportes da perspectiva sócio-cognitiva para a Neurolingüística.....	14
Objetivos e Metodologia.....	19
CAPÍTULO 1 – A construção interativa da referência entre afásicos e não afásicos	24
1.1 Da referência à referenciação.....	25
1.2 Referenciação e afasia.....	40
CAPÍTULO 2– Referenciação e metalinguagem na interação entre afásicos e não afásicos.....	47
2.1 Metalinguagem e Subjetividade.....	48
2.2 Estratégias Metadiscursivas.....	57
CAPÍTULO 3 – Acompanhando um percurso sócio-cognitivo: “A BARRIGA DÓI”	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS	

RESUMO

Geralmente, os estudos tradicionais sobre a afasia a associam com deficiências incontornáveis na comunicação e com sério comprometimento das estruturas de cognição. Entre outros danos, os portadores de afasia se ressentiriam da perda da metalinguagem e, com ela, da capacidade de referenciar/categorizar o mundo.

Contudo, a inclusão de variáveis sócio-cognitivas e situacionais na perspectiva analítica pode minimizar esse veredicto. A presente pesquisa tem como objetivo acompanhar o percurso sócio-cognitivo de construção do sentido enunciativo-pragmático em situações de interações face a face, envolvendo sujeitos afásicos e não-afásicos. Está teoricamente fundamentada no pressuposto interacionista (Mondada, Marcuschi, Koch, Morato) de que a construção de sentido é um processo que envolve dinamismo, movimento, interação de várias ordens (entre linguagem e cognição, entre linguagem e outras semioses, entre interlocutores, entre sujeito e linguagem). Este pressuposto ancora-se na análise de três eixos simultâneos: a interatividade, a co-ocorrência de semioses verbais e não-verbais e a subjetividade.

Este trabalho conclui em favor dos ganhos heurísticos provenientes da adoção e da mobilização do conceito de referência no campo da Neurolinguística. O manejo desse conceito – e do quadro teórico a que ele é vinculado - permite a visualização de fenômenos linguístico-cognitivos que fortalecem a argumentação segundo a qual não existe um corte tão radical entre a linguagem tida como ‘normal’ e a pertencente ao denominado ‘campo patológico’.

Palavras-chave: *interação; afasia; referência; metalinguagem, construção de sentidos.*

ABSTRACT

Generally, the traditional studies about aphasia associate it with insurmountable deficiencies in communication and with a serious damage of the structures of cognition. Among other damages, the sufferers of aphasia would resent with the loss of metalanguage and, with it, of world referencing/categorization capacities.

Nonetheless, the inclusion of socio-cognitive and situational variables in the analytical perspective can put this verdict to a minimum. The present research has as its goal to follow the socio-cognitive pathway of enunciative-pragmatic meaning construction in situations of face-to-face interactions, involving both aphasic and non aphasic subjects. It is theoretically based in the interactionist postulate (Mondada, Marcuschi, Koch, Morato) that the construction of meaning is a process that involves several orders of dynamism, movement and interaction (between language and cognition, between language and other semiotic processes, between interlocutors, between subject and language). This postulate is grounded in the analysis of three simultaneous axes: the interactivity, the co-occurrence of verbal and non-verbal processes of semiotic nature and the subjectivity.

The present work concludes in favor of the heuristic benefits that came through the adoption and mobilization of the concept of reference making in the neurolinguistics field. The use of this concept – and of the theoretical framework to which it is attached – enables the visualization of linguistic-cognitive phenomena that corroborate the claim according to which there isn't a so radical gap between the language understood as “normal” and the one that belongs to the so-called “pathological field”.

Key-words: *interaction; aphasia; reference; metalanguage, meaning constructions.*

INTRODUÇÃO

Poderíamos dizer, sem a consideração de um contexto, o que significa a sentença ‘A barriga dói’? Para que seja possível conhecer o seu sentido – para aqueles que declararam não o saber – ou para validar a correção da interpretação feita de tal expressão – para aqueles que se arriscaram em responder afirmativamente à pergunta feita-, é necessária certa curiosidade em ler esta dissertação e, evidentemente, certa persistência em acompanhar o caminho escolhido. Adicionalmente, é indispensável dedicar atenção aos aspectos aqui selecionados para a construção de uma alternativa explicativa possível para se conhecer/confirmar o sentido daquela expressão. De fato, é a isso que esta dissertação se dedica: a refletir sobre a construção de sentidos mobilizando determinado arcabouço conceitual que, internamente articulado, permitirá uma possível explicação que destaque os processos lingüísticos e extralingüísticos que aparecem na situação interlocutiva em que tal expressão foi inserida.

Todavia, é necessário fornecer algumas pistas do trabalho que será aqui desenvolvido – não o suficiente para que percorrer o trajeto deixe de ser atrativo, porém também não tão poucas a ponto de torná-lo obscuro. O que é possível adiantar é que a expressão formulaica “a barriga dói”, foi apresentada por um sujeito afásico do grupo que participa do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) - situado no Laboratório de Neurolingüística (LABONE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Por afasia, entende-se uma perturbação da linguagem, causada por uma lesão cerebral (que pode ser decorrente de um Acidente Vascular Cerebral, Traumatismo Craniano ou Tumor Cerebral). Acometidos por lesão, os sujeitos podem apresentar dificuldades para expressar aquilo que querem dizer, mesmo quando sabem exatamente o que e o porquê de dizer tal coisa, ou então podem apresentar uma dificuldade para interpretar aquilo que lhes é dito. Desse modo, a afasia afeta os processos de significação - tanto expressivos quanto interpretativos - interferindo na maneira como os sujeitos atuam socialmente. As manifestações afásicas mais recorrentes são a hesitação (que pode fazer ‘perder o fio da meada’), a alta instabilidade no uso das palavras (ocasionando trocas inesperadas; por vezes dificuldades em ‘encontrar’ a palavra exata),

a dificuldade em pronunciar os sons da fala (podem apresentar, por exemplo, lentificação na fala¹), repetição ou distorção de partes das palavras etc. Muitas vezes,

As pessoas afásicas sentem-se à deriva porque não conseguem estabelecer relações de sentido entre as palavras ou entre as palavras e as coisas do mundo a que se referem, o que dificulta não apenas os processos expressivos da linguagem, mas também os interpretativos (necessários para lermos nas entrelinhas ou captarmos duplos sentidos e subentendidos), mas isso não quer dizer que têm uma deficiência mental (Morato, 2000a:02).

Em virtude das inúmeras perturbações que podem ocorrer em sua linguagem, os afásicos, em busca de compreender e de se fazer compreender, utilizam recursos expressivos não-verbais (gestos, posturas, expressões faciais etc.) para manter uma relação interlocutiva em busca destes propósitos comunicativos. Esta *orientação enunciativa* diz respeito não só a própria elaboração do projeto de dizer, como também tem relação direta com a *construção dos sentidos*.

Do ponto de vista aqui adotado, a *construção dos sentidos* é uma das atividades comunicativas pertencentes aos complexos *processos de significação* característicos da condição humana. Tais processos estão indelevelmente marcados pela necessidade de percepção, representação e experimentação do mundo e de si mesmo. Enquanto atividade social, interpretar ou compreender envolve sempre um jogo dinâmico de produção, circulação e incorporação dos significados e dos sentidos: é simultaneamente uma manifestação de uma intenção e o reconhecimento desta mesma intenção. O processo de produção de sentido, entendido como processo de significação e atividade significativa, inclui tentativas de direcionar e de negociar estes propósitos. Em suma, “fazer sentido (ou interpretar) é necessariamente uma operação social na medida em que

¹ Por ‘lentificação da fala’, termo em uso na neurolinguística, compreende-se uma certa instabilidade linguística que pode ocorrer de várias maneiras como, por exemplo, uma fala laboriosa ou uma dificuldade de acesso lexical.

o sujeito nunca constrói o sentido em-si, mas sempre para alguém (ainda que este alguém seja si mesmo)” (Salomão, 1999:71).

**Pressupostos teóricos: os aportes da perspectiva sócio-cognitiva para a
Neurolingüística**

Se parece razoável supor, dado o postulado da interpretação como condição existencial humana, que as negociações e controles sobre os sentidos possíveis presidem o seu processo de construção, como é possível identificar o caminho percorrido por sujeitos que possuem afasia para interagir socialmente, expressar-se e fazer-se compreender? O que de fato está afetado na linguagem ou o que o sujeito afásico mobiliza nos processos de construção de sentido em suas interações?

Para que seja possível prosseguir nesta linha de pensamento é preciso, com anterioridade, expor os fundamentos das análises e das conceituações que aparecerão nesta dissertação. Presume-se, de partida, que o olhar lançado para estas questões pela Neurolingüística - e por uma perspectiva particular do que é esta ciência – ilumina sob nova ótica os temas destacados, contribuindo para a ampliação de suas investigações e reflexões.

A Neurolingüística se interessa, de modo geral, pela cognição humana e, especificamente, pela linguagem e pelos processos, direta ou indiretamente afeitos a ela. Entretanto, “o estudo da relação entre cérebro e cognição está longe de delimitar ou definir a Neurolingüística se não se precisar de que ponto de vista essa relação é construída” (Morato, 1997a: 301). Uma vez que outras áreas de conhecimento se interessam por esse campo de investigação, cabe tornar patente, ainda que de modo conciso, essa perspectiva.

Confrontando-se diretamente com a tradição “anátomo-clínica” a partir da defesa de uma abordagem interdisciplinar, essa perspectiva afirma que

reduzir o conceito de Neurolingüística ao de ‘ramo da Neuropsicologia (...) e identificá-la diretamente com a tradição da Afasiologia Clínica ou da Lingüística Afasiológica, ou ainda considerá-la

uma espécie de 'neurofisiologia da linguagem', seria reduzir seu caráter inovador, pois ao longo dos últimos anos a Neurolingüística tem reconhecido e incorporado a intervenção de fatores sociais, psicológicos e culturais na cognição humana (Morato, 2000b).

Se, por um lado, essa incorporação funciona como vetor para a superação da concepção localizacionista presente naquela tradição (que correlaciona regiões cerebrais com comportamentos lingüísticos), por outro permite escapar ao esquema simplificador e reducionista da análise de patologias da linguagem em geral e de fenômenos afasiológicos em particular, marcados por descrições gramaticais (Coudry, 1988; Morato, 2000b).

No que se refere a este último aspecto, parece estar no cerne desta inovação metodológica a incorporação da noção de discurso, cujo efeito mais significativo é a relativização da gravidade das patologias da linguagem (cf. Lebrun, 1983). E isso porque essa incorporação pressupõe a adoção de uma concepção dinâmica e interativa de linguagem, o que tem como resultado mais significativo uma reavaliação da relação linguagem e cognição, já que se passa a considerar a significação como feito essencial sobre a linguagem e o sentido como implicação para a atividade lingüística. Nessa perspectiva interacionista, considera-se como atos de significação os seguintes fatores:

as propriedades da língua, da cognição e do inconsciente; a qualidade das interações humanas; as condições materiais de vida em sociedade; o valor intersubjetivo da linguagem; os diferentes universos discursivos ou sistemas de referência cultural [...] através dos quais agimos e orientamos nossas ações no mundo; as normas pragmáticas que regem por gestão social a utilização da linguagem; os diferentes contextos lingüístico-cognitivos nos

quais as significações são produzidas (Morato, 1997b, 26).

Dessa maneira, a perspectiva da Neurolingüística indica que, para a construção de sentidos, a subjetividade do sujeito é importante, mas não é absoluta, há outros aspectos que são igualmente importantes nesta construção, como os sociais e os culturais. Assim, tem-se a superação de uma visão individualista de linguagem, segundo a qual o sujeito administra consciente e isoladamente os sentidos, a representação do mundo e a interpretação do real, por uma abordagem de acordo com a qual os sujeitos articulam os aspectos individuais com os sociais no desempenho destas atividades. Em outras palavras, esta abordagem compreende que, em situações concretas de interação, a linguagem apresenta processos cognitivos (como a memória, por exemplo), processos lingüísticos (como, por exemplo, a referenciação), processos intersubjetivos (como o diálogo, por exemplo), interferindo diretamente na construção dos sentidos do discurso.

O entendimento existente entre as pessoas durante suas práticas discursivas é regrado por acordos para que o discurso atinja – de alguma maneira e em algum grau – o seu objetivo inicial. Para a sua eficácia, é inegável que os vários níveis de ação da língua são importantes, não somente os estritamente lingüísticos. Também são relevantes os demais níveis como o da “enunciação, [da] modalidade, [da] cognição, [da] situacionalidade” (Marcuschi, 2001: 40).

Essa conceituação de *práticas discursivas* considera suas condições de produção e recepção como parte de atividades mais globais de comunicação (Bentes, 2001). Assim concebido, o discurso compreende processos, operações e estratégias de ordem sócio-cognitiva que são postos em ação em situações concretas de interação social. Dessa forma, o discurso deixa de ser entendido como uma estrutura acabada e passa a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção. Defendendo essa visão, Koch (2000) afirma que a *produção textual* é uma atividade *verbal* – a produção de enunciados produz efeito no interlocutor -; que essa atividade não deixa de ser *consciente* – o sujeito sabe o que, como e com que propósito faz -; e, além disso, é uma atividade *interacional* – o interlocutor é envolvido nos processos de construção e compreensão do texto (Koch, 2000).

Ao analisar um discurso não se pode colocar a força de seu sentido somente nele próprio; também é essencial considerar o trabalho interpretativo (de natureza sócio-cognitiva) que fazem o produtor e o interlocutor. Essa produção, assim, é, no fundo, co-produção, co-construção. O produtor, evidentemente, tem objetivos, propósitos discursivos, e quer fazer com que o interlocutor procure reconhecer suas intenções manifestas ou pretendidas. Para isso, ele vai produzir um texto que marca, que indica, que possua determinadas sinalizações que poderão levar o interlocutor a percorrer os caminhos necessários para chegar perto de sua intencionalidade. No entanto, nada garante que o interlocutor vá apreender exatamente o que se tem a intenção de que ele apreenda. Então, é necessário que haja a captação da força do ato pelo interlocutor, o que significa que este tem um papel ativo no processo. Nessa concepção, o produtor e o receptor possuem um papel ativo na mobilização do conhecimento por meio de uma interação com o texto, o que tem por corolário considerar o discurso em seu próprio processo de produção.

Corroborando essa visão, Marcuschi afirma que para compreender como os falantes fazem para se entender, não devemos confiar somente “nas características estruturais da interação, nem nas propriedades comunicativas da língua, nem nos contextos físicos (imediatos) de produção da interação”, mas também na maneira como os sujeitos fazem uso efetivamente destes processos e operações. Então, para analisar a negociação feita pelos sujeitos para alcançar um entendimento discursivo, a mera identificação de tais estruturas conversacionais não é tão significativa quanto a “habilidade desenvolvida pelos falantes no uso das estratégias conversacionais” (Marcuschi, 2001:50). A interação que ocorre na relação face a face é uma ação conjunta em que os sentidos são construídos colaborativamente. Dessa maneira, a individualidade autônoma cede lugar à intersubjetividade compartilhada, à uma “atividade pública, coletiva e coordenada” (Marcuschi, 2001).

Considerar o discurso dessa maneira faz com que seja necessário pensar nas bases de constituição sócio-cognitiva “situada” da linguagem, já que as categorias discursivas e os sentidos de um discurso não são apriorísticos (se o fossem, seria pertinente pensar em uma concepção de língua que se esgota na noção de código), mas construídos na medida em que os sujeitos interagem para esse fim.

De acordo com Mondada e Dubois (2003),

os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo [...] as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. (Mondada e Dubois, 2003: 17).

Assim, as operações cognitivas estão ancoradas nas práticas, nas atividades realizadas pelos sujeitos, sejam elas verbais ou não-verbais, e também nas negociações durante a interação. Para utilizar uma expressão de Morato, é por meio da *ousadia* de se tentar compreender o mundo que o discurso se torna possível (Morato, 1997b).

Diante dos aspectos retratados e das perspectivas expostas, espera-se que se tenha explicitado qual é o foco da concepção de Neurolingüística desposada: sua pretensão de mais longo alcance é a de harmonizar lingüístico e extralingüístico, de modo que se avalie adequadamente as relações existentes entre a linguagem, a cognição e os processos sociais interativos que são sua condição e seu efeito. Isso implica afirmar que os processos de significação têm como ancoragem não somente ou os conteúdos cognitivos ou as estruturas lingüísticas, mas em igual medida a cultura, a esfera simbólica e, de maneira geral, toda a gama de processos semiológicos em uso na enunciação.

Em razão dos interesses da Neurolingüística pelo estudo das afasias e dos propósitos do CCA é que se julga produtiva a investigação de interações que envolvem sujeitos que, tendo a linguagem de alguma maneira alterada, deixam transparecer particularidades (como, por exemplo, o apoio mais intensivo na gestualidade e na fala do interlocutor) na *construção de sentidos* durante essas situações interlocutivas.

Objetivos e Metodologia

Em conformidade com o exposto, o objetivo geral desta dissertação é o de mostrar o percurso sócio-cognitivo na construção de sentidos realizada em interações discursivas entre afásicos e não-afásicos. Mais especificamente, o objetivo diz respeito à questão da organização e explicitação do sentido nas atividades referenciais que aparecem nas interações discursivas destes sujeitos.

No curso de acompanhamento desta trajetória, serão apresentados exemplos de situações interativo-discursivas realizadas pelo grupo de pessoas que se reúnem semanalmente no CCA. O uso de exemplos extraídos de interações face a face, justifica-se pela posição segundo a qual “a interlocução, entre as práticas discursivas mais diversas, é fundamental para o surgimento de vários processos meta, tanto quanto estes são fundamentais na realização de atividades referenciais” (Morato, 2005a: 252-253).

Justifica-se também pela hipótese a ser estudada que é a de que as atividades referenciais podem evidenciar cenários significativos para as investigações sobre a linguagem afásica, trazendo elementos que possam contrabalançar uma tese corrente, segundo a qual há perda de metalinguagem na afasia. Esta tese afirma que o afásico tem dificuldades de fazer operações metalingüísticas, o que ocasiona uma dificuldade para referenciar o mundo, uma vez que o sujeito não teria mais à sua disposição recursos lingüísticos para categorizar, classificar, organizar, interpretar o mundo. Logicamente, de acordo com esta perspectiva, este tipo de perda implicaria em um prejuízo cognitivo, tendo em vista que esta capacidade referencial é uma capacidade metalingüística, uma capacidade do conhecimento da língua de ordem cognitiva. Entretanto, modificando-se a moldura teórica, ou seja, abordando esse assunto dentro de uma perspectiva sócio-cognitiva e interacionista, ficariam evidenciadas as características atribuíveis às atividades referenciais e metalingüísticas demonstradas na linguagem de sujeitos afásicos em interação com sujeitos não-afásicos.

Considerando o quadro interativo a ser analisado, vale esclarecer os objetivos gerais do CCA para que não fiquem dúvidas quanto a importância e a relevância dos dados a serem trabalhados. O Centro foi concebido como um espaço interativo composto por sujeitos afásicos e não afásicos (familiares, pesquisadores e, eventualmente, convidados) e tem o compromisso de possibilitar um espaço de convivência e inclusão social. Um dos objetivos do Centro é enfrentar e superar as

inúmeras dificuldades que se apresentam àqueles que devido a uma lesão cerebral passam a conviver com diversas formas de alteração em sua linguagem oral ou escrita. Este espaço

é marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades lingüístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem (Camerin, 2005:21).

Atualmente, constituem o Centro de Convivência de Afásicos dois grupos distintos que, semanalmente, reúnem-se durante o período de aproximadamente três horas, para participarem da dinâmica de funcionamento do Centro. O Grupo I – grupo a partir do qual foram selecionados os dados trabalhados e os exemplos apresentados aqui -, conta com dois grandes Programas de Atividades. O primeiro é denominado Linguagem e é coordenado por Edwiges Maria Morato. Possui o objetivo de explorar os aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações - diálogos, comentários, narrativas, leituras *etc.* -, seus mecanismos de constituição e seu valor social. O segundo programa é denominado Expressão Teatral e, atualmente, é coordenado por Juliana Calligaris. Seu objetivo é o favorecimento e o reconhecimento da reorganização expressiva da pessoa cérebrolésada através de um constante exercício de representação².

Eleitos o foco e a perspectiva de observação adotados, é o momento de apresentar a análise pretendida. Esta concentra-se na especificação de dois fenômenos fundamentais que concorrem no processo de construção de sentido e que se apresentam como possibilidades de se remeter a essas produções interativo-discursivas: são eles a referenciação e a metalinguagem.

Estes dois conceitos foram selecionados por dois motivos que, apesar de já terem aparecido anteriormente, vale sistematizar melhor aqui: o primeiro deles é que são

² As atividades do Grupo I foram objeto de uma pesquisa desenvolvida durante o triênio 2003-2005, e que teve como objetivo identificar a dinâmica grupal e as interações que têm lugar nos dois Programas de Atividades. Para maiores detalhes *cf.* Bassi, 2005.

conceitos que permitem olhar para a linguagem e perceber o trabalho lingüístico-cognitivo dos sujeitos e os sentidos que vão sendo construídos à medida que as pessoas vão falando, negociando, justificando, exemplificando. O outro motivo é o fato de que é comum ver na literatura sobre o assunto que os afásicos “perderam” a habilidade de referir e possuem as habilidades metalingüísticas afetadas, o que levaria a pensar que não conseguem, não compreendem ou não fazem uso de processos referenciais e/ou da metalingüagem (Jakobson, 1954). No entanto, se for verdade que o sujeito lida com o material lingüístico que tem à sua disposição, fazendo escolhas importantes para concretizar a sua proposta de sentido (*cf.* Koch, 2004), e aqui se acredita que sim, o estudo dos processos de referenciação e das estratégias metadiscursivas nas afasias, evidenciando a relação interdiscursiva, “tende a apoiar a hipótese segundo a qual os meios de determinação da linguagem passam pelos processos de explicitação da significação e pelas diferentes posições que os sujeitos ocupam na relação estabelecida enunciativamente entre língua e exterioridade” (Morato, 2001:72).

Os dados que servem de esteio para a discussão proposta foram extraídos do acervo do CCA. O *corpus* deste acervo compreende episódios sistematicamente filmados e digitalizados das reuniões do grupo. A opção pela utilização de exemplos empíricos fundamenta-se na própria aposta teórica deste estudo, que é a de privilegiar os contextos interativos reais de uso da linguagem. Entretanto, a exposição dos dados não tem o mesmo estatuto: ora servem ao propósito de ilustrar os aspectos destacados na exposição teórica (capítulos 1 e 2), ora são objeto a ser explicado mobilizando as categorias analíticas eleitas (capítulo 3).

Os dados que compõem os capítulos 1 e 2 foram extraídos de reuniões ocorridas durante o ano de 2003 – dados que se encontram transcritos no acervo. Além desses, será apresentado no capítulo 3 um dado datado de 07 de outubro de 2004 – transcrito para esta dissertação.

A análise dos dados ressalta a construção de sentidos desenvolvida e negociada pelos sujeitos durante suas interações discursivas, considerando os aspectos situacionais, colaborativos e subjetivos da cena enunciativa. Análises deste tipo, ao invés de considerarem unicamente o comportamento verbal dos sujeitos, permitem trabalhar com a atividade significativa da linguagem, considerando simultânea e paralelamente os aspectos não-verbais nos contextos de interpretação.

Em virtude de ser este tipo de análise de ordem qualitativa, a transcrição dos dados foi feita de forma a respeitar o conjunto de marcações textuais sugeridas por Marcuschi (1997) e também pelas normas propostas pelo Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo – núcleo Unicamp (Projeto NURC), uma vez que elas têm a preocupação de preservar o contexto e as condições de produção de linguagem. O quadro das marcações utilizadas encontra-se no anexo 1.

As informações referentes ao histórico dos sujeitos afásicos e sobre o grupo de pesquisadores que fazem parte das situações interlocutivas analisadas encontram-se brevemente relatadas no anexo 2. Contudo, para que seja possível uma melhor compreensão dos dados e dos exemplos, em suas apresentações serão sublinhadas as siglas correspondentes a dos pesquisadores.

Cabe aqui uma última consideração a respeito da organização da exposição da pesquisa. A *referenciação* será o fenômeno lingüístico abordado no primeiro capítulo. O tratamento da referenciação terá como pressuposto que se trata de uma atividade sócio-cognitiva e interacional realizada por sujeitos socialmente atuantes, que constroem referentes concebidos nas práticas interlocutivas, ou seja, *objetos de discurso* (Mondada & Dubois, 2003; Koch, 2001a; Marcuschi, 2001).

No segundo capítulo a referenciação inspira e cede lugar à reflexão sobre a metalinguagem. O ponto de partida que se assume é que a metalinguagem é uma atividade reflexiva da linguagem realizada em seu funcionamento, sob suas circunstâncias lingüístico-discursivas, capaz de apontar um distanciamento do falante sobre o seu próprio dizer (cf. Morato, 2005a). Nesse sentido, o discursivo manifesta uma referência da própria atividade discursiva: é como se o discurso se dobrasse sobre si mesmo, “constituindo-se como referência de si próprio” – é a interiorização da enunciação na materialidade textual (Jubran, 2005:220).

Finalmente, o terceiro capítulo é dedicado à reflexão sobre os fenômenos lingüísticos tratados nos dois primeiros por ocasião do esclarecimento da expressão que abriu este texto (“A barriga dói”).

Dessa maneira, a expectativa é de que a perspectiva sócio-interativa assumida permitirá observar privilegiadamente os vários aspectos envolvidos na maneira como os sujeitos, em interação, constroem os sentidos. A hipótese que fundamenta este estudo é a de que, ao refazer o percurso sócio-cognitivo da referenciação e da metalinguagem,

esses dois movimentos que assinalam as propriedades reflexivas da linguagem, será possível jogar luzes em relação a como e sob quais circunstâncias, na presença de dificuldades lingüístico-cognitivas, os afásicos podem lidar com a significação de posse de coordenadas e estratégias lingüísticas e pragmáticas para dar conta da referência.

CAPÍTULO 1 – A Construção Interativa da Referência entre afásicos e não afásicos

A dimensão comunicativa da linguagem e seu envolvimento com a estruturação de interpretações compartilhadas sobre a realidade do mundo, que regulam não somente a relação dos sujeitos e do corpo social com o ‘real’, mas também a relação deles entre si é um aspecto capital que sempre orientou as reflexões sobre o conhecimento e a linguagem. Este capítulo pretende lançar luzes, ainda que tênues e tímidas, sobre este tema, de modo a fundamentar a elaboração de uma explicação sócio-cognitiva da construção dos sentidos tal como ocorre em situações interativo-discursivas.

Para cumprir tal tarefa, o enfoque eleito foi sobre o fenômeno da referenciação. Para se chegar a esse ponto será necessário previamente esboçar uma breve discussão a respeito da relação pensamento-língua-realidade que fundamenta e permeia os conceitos de referência e de referenciação. Como não poderia deixar de ser, a discussão acerca desses conceitos traz à tona a questão da representação - uma discussão pertinente tanto no que respeita aos estudos da Filosofia da Linguagem quanto às pesquisas desenvolvidas no interior da Lingüística. Por outra via, portanto, pode-se afirmar que a maneira como é concebida a relação da tríade pensamento-língua-mundo é que possibilita traçar um ou outro caminho na maneira de compreender a representação do mundo (ora enfocando a relação cognição e mundo, ora enfocando a relação linguagem e mundo).

Elucidar as diferentes formas típicas que relacionam essa tríade e regulam a utilização, as vantagens e os limites de um ou outro conceito não significa, todavia, que será realizado propriamente um apanhado histórico das formulações a respeito dessas relações. Antes, aspira-se algo mais modesto: um resgate de algumas configurações conceituais que permitam fazer circular os conceitos que regem as noções de sentido e de sua construção.

Dessa maneira, o capítulo está organizado conforme a seguinte esquematização: no primeiro sub-item, intitulado *Da referência à referenciação*, será apresentada a discussão em torno da relação pensamento-linguagem-mundo no tocante à questão da representação, que se concentrará nas duas principais tendências analítico-conceituais que tratam dessa temática: uma correspondentista e uma outra sociocognitivista

(Salomão, 2003) – ou, alternativamente, como quer Kleiber (1997), respectivamente o “paradigma realista da referência” e o “paradigma do construtivismo”. A partir da exposição sobre a relação existente entre língua, pensamento e mundo, será discutida a noção de referenciação, fundamentada em abordagens sócio-interativas e, desse modo, tributária do paradigma do construtivismo. Com esta, pretende-se, enfim, que seja possível deslindar as mobilizações lingüístico-cognitivas para a construção de objetos de discurso, tal como realizadas em situações concretas de interação. Por fim, será discutido, no segundo sub-item, o conceito de referenciação associado aos estudos sobre afasia. Para fazer esta associação, será apresentado um dado seguido por sua análise que será feita mediante os movimentos teóricos expostos no decorrer do capítulo.

1.1 Da referência à referenciação³

Desde pelo menos o início do século XX se delineou com mais nitidez um embate entre duas orientações teórico-metodológicas tendencialmente opostas que se debruçam sobre a problemática da relação pensamento-linguagem-mundo⁴. As interrogações fundamentais que são por elas dirigidas para essa tríade relacionam-se com a cadeia de causalidade determinante entre os termos. Em outro diapasão, a entonação destas questões assume a modulação seguinte: como caracterizar a natureza da cognição, da linguagem e da realidade? Qual o estatuto da linguagem na interpretação do mundo e na estruturação do pensamento? A que aludem os sentidos e significados dos signos lingüísticos? Presume-se, portanto, que o ponto arquimediano para a comparação entre as duas orientações situa-se na concepção de língua, eixo dinâmico dos problemas enfrentados para a definição daquelas relações.

Com efeito, a primeira das orientações postula para a língua uma natureza essencialmente *extensional e correspondentista*, ou seja, estabelece uma relação direta e imediata entre as palavras e aquilo que elas significam *no mundo*, seja o mundo extralingüístico (variante externalista), seja o sistema lingüístico (variante internalista)

³ O subtítulo adotado é tomado de empréstimo de Koch, 2002.

⁴ Obviamente se está operando aqui com uma redução. São tomadas como balizas de localização histórica inicial os debates epistemológicos em torno da estruturação da ciência moderna e do estatuto do conhecimento científico, por ocasião da crítica ao positivismo levada a cabo pelo neokantismo e a réplica dos positivistas lógicos responsáveis pela chamada ‘virada lingüística’ no interior da Filosofia. Portanto, é abstraída deliberadamente dessa marcação de cena toda a gama de variações teóricas no interior dessas tendências e todo o debate sobre o tema que se perde imemorialmente na história da Filosofia.

(Salomão, 2003)⁵. No primeiro caso, admite como premissa que os referentes têm identificação com elementos do mundo real objetivamente dado; no segundo, que os referentes dos signos são os conceitos ou conteúdos mentais psicologicamente dados e postos em relação no interior do sistema lingüístico que se constroem na relação imediata com o mundo tal como é cristalinamente apreendido⁶. Em decorrência, em ambas as variantes a cognição assume um estatuto ontológico de fenômeno mental estritamente vinculado à dimensão biológico-individual (ou, alternativamente, ao sujeito cognoscente de tipo transcendental) e, por este motivo, independente da linguagem – o que não significa que não se relacione com esta última, mas sim que o faz de maneira extrínseca, de modo que a linguagem funcione como um espelhamento de sua representação.

A outra orientação mencionada estabelece como suposto que a língua é essencialmente uma construção social caracterizada pela *heterogeneidade, opacidade e historicidade*. Neste enquadramento, toma como fundamento uma relação mutuamente constitutiva entre os termos, de modo que a tríade é dialeticamente determinada. Isto é, pensamento, linguagem e realidade se relacionam internamente, atuando de maneira efetiva um sobre o outro, posto que são processos indissociáveis na prática social – em uma formulação única, são a *práxis social*⁷.

As implicações teóricas desses postulados essenciais em cada uma das orientações tornar-se-ão claras na pormenorização a ser realizada logo adiante. Por enquanto, é suficiente não perder de vista que enquanto o paradigma realista da referência concebe uma cisão entre os três termos, de modo a propor uma distinção clara entre o que é inato ou pertencente ao domínio individual e o que é resultado de aprendizagem ou prática social, o paradigma do construtivismo propõe uma continuidade constitutiva, o que tem como corolário que as distinções estanques entre o

⁵ A utilização dos termos ‘internalismo’ e ‘externalismo’ sofre diversas inflexões no debate sobre referência e referenciação – o que não deixa de ser irônico e ao mesmo tempo exemplar para uma pesquisa que se debruça exatamente sobre a construção dos sentidos (cf. Salomão, 2003; Morato, 2002; Morato, 2003; Carvalho, 2005). Os termos ora dizem respeito ao *locus* do significado (como na definição acima), ora à antinomia individual/social, ora finalmente à independência/dependência de constituição da língua, do mundo e do pensamento. Na medida do possível, estes usos contextualizados serão marcados no decorrer do texto.

⁶ Na verdade, como é possível deduzir-se dessa definição, essa variante exclui a dimensão extralingüística das reflexões da Lingüística. Por este motivo, não será objeto de exposição.

⁷ A rigor, existe ainda uma outra tendência, que pode ser investigada e que se encontra delineada entre o cognitivismo formalista e o gerativismo. Entretanto, neles, a questão da representação e da referência ou referenciação aparece resolvida de antemão, como condição inata do sujeito. Daí a opção por não expô-la ao lado das demais. Sobre isso, consultar, entre outros, Salomão, 1999.

que é inato e o que é social tendem a ser abrandadas (Carvalho, 2005). Conforme se pode deduzir, esses diferentes modos de compreensão do problema, ao propor a manutenção ou a superação do dualismo interno/externo, ressoam sobre toda uma série de questões, sendo entre elas a mais evidente a da descontinuidade ou continuidade entre sujeito e objeto do conhecimento.

Na orientação de tipo correspondentista, de acordo com o que foi anunciado, a linguagem ocupa o papel de elo exclusivo entre o pensamento e o mundo: “Entre homem (na sua dimensão cognitiva) e mundo está a linguagem e, nessa tríade, a referência constitui uma relação inequívoca entre a língua e o mundo” (Zamponi, 2003: 12). O modelo de cognição adotado é tributário do destaque dado na investigação aos “aspectos internos, individuais e universais do processamento lingüístico”, o que significa, em outros termos, que considera a cognição de uma maneira exclusivamente mentalista e individualizada, operando uma redução ou identidade entre o cognitivo e o psicológico (Carvalho, 2005: 32). Dessa maneira, a cognição é o elemento que processa as informações que os sentidos captam do mundo, e mente é “um construto das interações físicas, corpóreas com o meio ambiente no qual vivem os sujeitos” (Carvalho, 2005: 31).

Esmiuçando o argumento, pode-se afirmar que, para esta orientação, a cognição cria internamente imagens mentais dos objetos do mundo, na forma de símbolos nomeados pela linguagem. Aparentemente há certo impressionismo, pois é como se a mente decalcasse da realidade o seu conteúdo imediato apreendido de maneira transparente e inequívoca a partir das percepções sensoriais universalmente válidas – sendo o controle dessas percepções, em nível individual, a fonte da correção ou do erro das impressões. As impressões do mundo objetivo seriam processadas no cérebro humano por meio de estruturas inatas que permitiriam desenvolver a linguagem, isto é, a mente funcionaria como uma representação simbólica do mundo. Os indivíduos acumulariam informações captadas da realidade e, por meio de imagens, elas ficariam armazenadas na mente e se transformariam em conhecimentos que permitiriam que os indivíduos identificassem as ‘coisas do mundo’, *nomeando-as, etiquetando-as* por meio da linguagem. Desse ponto de vista, portanto, a língua não somente produz um recorte da realidade como modela o pensamento, dotando as palavras de um significado fixo e estável.

Em resumo, o processo de relacionamento entre os termos ocorre obedecendo a seguinte causalidade: as estruturas sensório-perceptivas captam a imagem do mundo tal como é efetivamente e a expressão lingüística representa determinado objeto do mundo que foi captado. E é de tal maneira assim que a função referencial da língua se resume a uma nomenclatura, posto que a relação entre as palavras e as coisas é direta. A língua torna-se um *instrumento transparente* no que diz respeito à realidade, ela é um *espelho da realidade*. Com isso, fica evidenciado que cognição, mundo e língua são entidades estanques: a língua é tida como algo homogêneo, transparente e invariável que intermedeia a relação entre os dois outros termos e o significado torna-se independente do uso (já que a língua é um espelho do mundo).

Por sua vez, a orientação de extração construtivista coloca como elemento central a relação entre cognição ou esquema perceptual e significação, ausente na orientação anterior – já que o significado das palavras estava situado na relação entre linguagem e mundo (Zamponi, 2003). A mudança de enfoque tem como operações elementares as substituições da noção de *significado* pela de *significação* e a de *referência* pela de *referenciação*.

Estas substituições são decorrentes de três pressupostos, que podem ser denominados, seguindo a sugestão de Salomão (1999) de: a ‘escassez de significante’, a ‘semiologização do contexto’ e o ‘drama das representações’ (Salomão, 1999). O primeiro deles conduz à idéia de que as palavras não se bastam por si sós, isto é, a língua em si não determina a semântica das palavras. Uma vez que as palavras isoladamente não denotam os seus sentidos, esta orientação irá afiançar que os sentidos só são garantidos quando situados, contextualizados, no *uso* da língua. De maneira taxativa, “a língua é um sistema de indeterminações sintático-semânticas que se resolvem nas atividades dos interlocutores em situações sócio-comunicativas. Portanto, a língua não tem uma semântica determinada e a cognição não é apenas um fenômeno mental” (Marcuschi, 2002: 51).

Ao negar uma espécie de exclusivismo primordial da língua na produção dos sentidos e ao mesmo tempo recusar o lugar do significado como situado na relação entre língua e mundo, o paradigma do construtivismo assevera a precedência da atividade interacional sobre a estabilidade da língua para as construções de sentidos. Dessa maneira, introduz o exterior lingüístico sob outra vestimenta: não como realidade coisificada manipulável por estruturas psico-cognitivas universais que o recobrem com

signos lingüísticos portadores de significados estáveis, mas como determinante da própria condição de possibilidade de existência da linguagem. Essa alteração só é possível porque o exterior lingüístico, o mundo/realidade, não é mais considerado somente um mundo-objeto, mas qualificado privilegiadamente por sua dimensão *social*, ou seja, como mundo percebido.

A *práxis* social – entendida como complexo histórico-cultural de interação – é responsável pela modulação da experiência perceptivo-cognitiva, de modo tal que circunscreve os tipos e as possibilidades de experimentação da relação com o mundo. É a vida social que recria continuamente as estruturas interpretativas capazes de fornecer filtros para a compreensão da realidade – já não mais compreendida como um algo em si, mas como algo modelado e conceitualizado por tais experiências sociais. Existe portanto o reconhecimento, por esta perspectiva, de que a percepção/cognição é ela mesma um resultado, e não um antecedente, de toda a atividade interacional dos sujeitos em seu relacionamento com o mundo.

Se o esquema cognitivo-perceptivo é diagnosticado como uma herança social, sempre sujeita a inversões, reversões, transferências e acúmulos, segue-se que as representações mentais são coletiva e colaborativamente construídas: “o processamento das informações se dá por meio de estratégias de ordem sócio-cognitiva, as quais levam em conta os conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e adquiridos em (con)vivência, passíveis de complementação e/ou de reformulação” (Carvalho, 2005: 38). Conseqüentemente, a cognição não é *exclusivamente* um dado inato individual, uma atividade que ocorre isoladamente no interior do cérebro (enfim, os processamentos cognitivos clássicos), mas *também e principalmente* uma *construção social*. Conhecimento, categorizações e representações mentais são constituídos e organizados histórica e socioculturalmente. Portanto, na relação estabelecida entre cognição e mundo são considerados o contexto sócio-histórico, a situacionalidade e os processamentos (lingüísticos, mentais). Van Dijk (1992), por exemplo, sustenta que há interação social e comunicação entre as estruturas lingüísticas e os processos cognitivos. O autor introduz a noção de contexto para afirmar que as representações textuais, por possibilitarem a categorização do mundo e por criarem novos modelos⁸ de situação, atuam na compreensão e no processamento da informação.

⁸ Esses modelos referem-se aos conhecimentos procedural e declarativo, que estão relacionados com a memória episódica e com a memória semântica, que agem cooperativamente.

O fato de as pessoas conseguirem se comunicar de uma maneira efetiva, de trocarem experiências e de se entenderem, não tem uma explicação única e objetiva, mas sim caminhos explicativos que

vão do código para a cognição e, neste percurso, tudo indica que o conhecimento seja um produto de interações sociais e não de uma mente isolada e individual. Assim, os processos cognitivos são vistos como uma construção social que necessita, além de uma teoria lingüística, também de uma teoria social. (Marcuschi, 2002: 45).

É aqui que se situam o segundo e o terceiro pressupostos adotados pela orientação construtivista, a recordar, a ‘semiologização do contexto’ e o ‘drama das representações’. Por se tratarem de *atividades e processos* sócio-interativos que se dão em dinâmicas situacional-contextuais concretas, linguagem, cognição e realidade construída apresentam entre si uma continuidade fundamental, construída na enunciação (Morato, 2003). Ou seja, as fronteiras entre a língua, a cognição e o mundo tornam-se mais plásticas e tênues, passíveis de reversão, ampliação, demarcação ou determinação de acordo com a atividade sócio-interacional que lhe serve de fundamento. Nas palavras de uma teórica dessa corrente existe “uma continuidade essencial entre linguagem, conhecimento e realidade que não as reduz entre si, mas as redefine em sua fragmentária identidade (como *realidade*, ou como *conhecimento*, ou como *linguagem*), segundo as necessidades locais da interação humana” (Salomão, 1999: 71).

Portanto, de acordo com esta orientação, não há como conceber conteúdos cognitivos fora da linguagem, bem como linguagem fora de processos interativos humanos. Assim, ao se colocar em relação linguagem e cognição, torna-se patente que a construção do sentido não ocorre de maneira isolada, em que os aspectos sociais e culturais não estejam envolvidos. Muito pelo contrário,

existiriam diversos fatores em jogo na tarefa de significar e compreender o real: as propriedades da língua, da cognição e do inconsciente; a qualidade das interações humanas; as condições materiais de

vida em sociedade; o valor intersubjetivo da linguagem; os diferentes universos discursivos ou sistemas de referência cultural através dos quais agimos e orientamos nossas ações no mundo; as normas pragmáticas que regem por gestão social a utilização da linguagem; os diferentes contextos lingüístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas (Morato, 1997b: 26).

Essa inflexão de acento da coisa-objeto em favor da operação-atividade-processo produz um deslocamento do foco a ser privilegiado na análise que, conforme dito, converge para o processo de construção de sentidos e para a relação entre percepção/cognição e significação. Na formulação explícita de Turner (1996): “Os significados não são objetos mentais circunscritos em regiões conceituais, mas complexas operações de projeção, ligação, conexão, mesclagem e integração de múltiplos espaços conceituais” (Turner, 1996: 57).

Torna-se patente, do exposto, que de acordo com esta perspectiva teórico-metodológica “não são os fatos que produzem significações, são as compreensões, percepções dos sujeitos sociais que as produzem. Não há algo que regule essas significações, pois elas são produto das interações sociais que se dão numa cultura e numa história” (Carvalho, 2005: 63-64). Por este ângulo compreende-se porque a língua é caracterizada como uma atividade simultaneamente discursiva e cognitiva, e que seu relacionamento com o mundo ou realidade tal como *percebida* em determinado contexto social dá-se mais pela via da instauração dinâmica de uma interpretação do mundo do que da designação ou remissão passiva ao exterior lingüístico. Essa noção faz com que a língua seja caracterizada como opaca e instável, porque sujeita ao *uso*.

É no interior desse quadro conceitual que a atividade referencial ocupa lugar homólogo ao que a referência ocupa no paradigma realista. A orientação construtivista considera que “o referente não é a realidade, mas o que ele institui como tal” (Carvalho, 2005: 38). Isso significa que os referentes da atividade discursiva e lingüística deixam de ser os *objetos-do-mundo* e passam a ser os *objetos-de-discurso*, criados na atividade de interação obedecendo a determinado enquadramento sócio-cultural dinâmico da realidade, gerados enunciativamente e que encontram sua estabilidade provável em

determinada situação interativa contextual. Em definitivo, essa perspectiva considera essencialmente a referência como “o resultado da operação que se realiza quando se postula uma instabilidade das relações entre as palavras e as coisas, ou seja, quando se usa um termo ou uma situação discursiva para designar, representar ou sugerir algo” (Koch, 2002: 79).

Conforme assinalado, ambas as orientações teórico-metodológicas elaboram tentativas de explicação para a questão da referência, buscando articular o lingüístico e o extralingüístico. Contrastando-as entre si, torna-se manifesto que o paradigma realista da referência apresenta dificuldades para reconhecer e lidar com as variações de sentidos. Por sua vez, a orientação construtivista apresenta ganhos heurísticos consideráveis na identificação e compreensão dessas variações. Sua perspectiva dinâmica, ativa e criativa da língua e da relação entre língua e mundo autoriza a inserção dos elementos extralingüísticos contextuais e interacionais na análise lingüística. Contrariamente, a orientação que se preocupa com a relação entre língua e mundo de um ponto de vista estático dificulta a introdução e o manejo desses elementos em um modelo analítico (Mondada, 2001; Zamponi, 2003).

Apoiando-se e assumindo a orientação sócio-construtivista, com a finalidade de explorar os fatores que mediam a língua e o exterior discursivo, esta dissertação fundamenta-se em uma noção de língua que não se restringe ao sistema lingüístico no sentido restrito e nem privilegia aspectos meramente informacionais. A este respeito há concordância com a afirmação de Koch (2002) segundo a qual

a discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re) construção do próprio real. Ao usar e manipular uma forma simbólica usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura da realidade de maneira significativa. E é precisamente nesse ponto que reside a idéia central de substituir a noção de referência pela noção de referenciação (Koch, 2002:81).

Validamente, essa substituição privilegia a dimensão processual da atividade de construção do texto e dos sentidos, já que é negada uma relação imediatista (a língua como um espelho da realidade, uma representação especular do mundo) e priorizada uma relação mediadora (a língua como uma forma de agir sobre a realidade; uma apresentação do mundo) - entre as palavras e as coisas (Koch, 2002; Mondada e Dubois, 2003). Uma vez que o interesse aqui é o de acompanhar o percurso da construção de sentidos em situações interativas envolvendo sujeitos afásicos e não-afásicos, o conceito de referenciação é aquele que mais se adequa a esta empreitada, já que “as variações no discurso poderiam ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação, mais que da semântica dos objetos” (Mondada e Dubois, 2003: 23).

Em uma primeira aproximação, o enfoque sobre o fenômeno da referenciação privilegia a relação intersubjetiva que cria as “versões públicas do mundo” - para ficar com a acertada expressão de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). As atividades e os processos referenciais são construções colaborativas que organizam situacional e cognitivamente as percepções e interpretações sobre o mundo pelos ajustes e reajustes dos referentes ao seu contexto enunciativo-discursivo.

Dando um passo mais adiante, a referência é uma operação realizada pelos sujeitos durante o discurso, que vai construindo aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo em que se torna parte dessa construção. Assim, a referenciação possibilita, em seu processo, a construção de *objetos de discurso* (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995; Koch & Marcuschi, 1998). Estes podem ser definidos da seguinte maneira:

os objetos de discurso (enquanto espaços mentais) não são dados exclusivamente discursivos, pois eles emergem de uma inspiração do mundo, sob um fundo existente (espaços de base) e inserem-se num mundo pensável. O discurso é esse movimento dinâmico que permite o surgimento dos objetos nele envolvidos (Marcuschi, 1999: mimeo).

Admitindo um ponto de vista enunciativo-discursivo, o mesmo autor considera a produção do sentido como espaço cooperativo dos participantes, como uma construção

colaborativa dos referentes na cena comunicativa em que as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas estruturam e dão um sentido ao mundo:

a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente (Marcuschi, 2002:51).

Entretanto, isso não quer dizer que as palavras são vazias de sentido, mas que o sentido é atribuído às palavras pelos interlocutores em cada uso providenciado pela atividade cognitiva situada em situações sócio-comunicativas.

Em resumo, nessa perspectiva, a referenciação aparece nas situações concretas de interação na organização textual e na orientação argumentativa, interferindo diretamente na construção dos sentidos do discurso, em um trabalho lingüístico-cognitivo conjunto e situado na interpretação, além da possibilidade de vislumbrar algumas estratégias enunciativas e pragmáticas, tais como a intertextualidade, a inferenciação e a argumentação. Sendo assim, a referenciação é concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso, um efeito das práticas simbólicas e intersubjetivas - ou seja, a existência dos objetos é estabelecida discursivamente, a referenciação emerge da exibição da distância entre as palavras e as coisas e o discurso explicita essa não-correspondência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a ele e os objetos são construídos através dos processos sócio-cognitivos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos. O reconhecimento do objeto se dá “como a construção de categorias flexíveis e instáveis, através dos processos complexos de categorização produzindo as categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas” (Mondada e Dubois, 2003:35).

As categorizações dos objetos de discurso, segundo as autoras mencionadas acima, são resultado de situações práticas e históricas que compreendem discussões,

controvérsias, desacordos. Portanto, a categorização é dinâmica, apresentando progressões lingüísticas e cognitivas. Estas categorias estão situadas em práticas, sejam elas práticas dependentes de processos de enunciação ou de atividades cognitivas, e práticas dos sujeitos ou de suas interações. Portanto a instabilidade delas está ligada a essas ocorrências desde as construções sintáticas até as configurações de objetos de discurso.

Sobre estas instabilidades, ainda são Mondada e Dubois (2003) que afirmam que não são meramente variações individuais “que poderiam ser remediadas e estabilizadas por uma aprendizagem convencional de ‘valores de verdade’; elas são ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas” (Mondada e Dubois, 2003:35)

O fato de as descrições serem incompletas e da categorização evoluir de modo flexível não significa que isso ocorra de maneira desordenada, pois os sujeitos possuem estruturas cognitivas (como a memória, a percepção, por exemplo) e lingüísticas (como as de cunho fonológicos, sintáticos e semânticos) que permitem dar estabilidade ao seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a co-construção dos objetos de discurso.

De fato, as pesquisas desenvolvidas pela Lingüística Textual indicam a presença consistente de estratégias lingüístico-discursivas na construção da referenciação. De acordo com Koch (2002), estão envolvidos na construção de um modelo textual, como operações básicas, os seguintes *princípios de referenciação*:

1. *ativação* – introdução de um referente textual não mencionado até o momento, que passa assim a “preencher um nóculo (‘endereço’ cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o ‘representa’ permanece em foco na memória de curto termo, de tal forma que o referente fica saliente no modelo” (*Idem, Ibid.*: 83);
2. *reativação* – ativação, na memória de curto termo, de um nóculo já introduzido por intermédio de uma forma referencial, de tal maneira que o referente textual continua em foco;
3. *de-ativação* – ativação de um novo nóculo, por meio do deslocamento do foco para um outro referente textual e, conseqüentemente, desativando-

se, assim, o referente anterior. Contudo, este referente ou nódulo anterior continua a ter “um endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser novamente ativado. Seu estatuto no modelo textual é de inferível” (*Idem, Ibid.*).

Em artigo anterior, Koch (1999) define as seguintes *estratégias de referenciação*: recategorização lexical (por meio de rotulação e/ou de argumentação), referenciação por denominação reportada (alusão a uma atitude ou ponto de vista de outro), uso de estratégias metalingüísticas ou metadiscursivas (por meio de nomes “ilocucionários”, nomes de atividades “linguajeiras”, nomes de processos mentais *etc.*) e nominalizações (atribuição de estatuto de *objetos de discurso* a informações que ainda não o possuíam, por meio da condensação delas em uma expressão) (Koch: 1999).

É importante sublinhar que referir não é a única função das expressões referenciais. Além da função de referir, as expressões referenciais contribuem, pela sua multifuncionalidade para elaborar o sentido, por meio de argumentações, recategorizações (presentes na memória discursiva), troca de opiniões *etc.* As funções mais relevantes das expressões referenciais são:

- funções cognitivas: são formas de veiculação de informações dadas e novas, seja por meio de remissões feitas a elementos que já haviam sido apresentados no texto (em uma manutenção tópica, por exemplo, há uma reativação na memória para que o objeto de discurso seja evidenciado), seja por meio de uma recategorização do referente (quando há, por exemplo, uma progressão tópica que possibilita uma ‘reinterpretação ou focalização do mesmo [referente]’ (*Idem: 147*)).
- funções coesivas: recursos coesivos que ora funcionam como anafóricos, ora como catafóricos.
- funções de organização textual: sinaliza as mudanças e alterações na argumentação do locutor durante o seu discurso, preservando uma “continuidade tópica”.
- funções de encapsulamento e/ou sumarização: “função própria particularmente das nominalizações, que sumarizam as informações-suporte contidas em segmentos anteriores do texto, encapsulando-as sob a

forma de um substantivo-predicativo e transformando-as em objetos-de-discurso” (*Idem*:148).

- funções avaliativas: “o encapsulamento [...] pode, evidentemente, resultar em uma (re) avaliação que o locutor faz das informações-suporte, exercendo, assim, função argumentativa. Tal avaliação pode ser expressa apenas pela seleção do nome-núcleo, ou pelo acréscimo de modificadores de tipo avaliativo, quer de ordem positiva, quer de ordem negativa” (*Ibid*:149).

Obviamente esta classificação obedece estritamente as finalidades analíticas, já que tais funções estão amalgamadas na realidade empírica. Não obstante, o uso desta abstração classificatória permite identificar o processo de referenciação em situações enunciativo-discursivas como um percurso *organizado*.

A Lingüística Textual salienta, em sua teorização geral, que o texto – inclusive o texto falado – possui uma organização interna e colaborativamente constituída⁹. Esta organização, é garantida, entre outros fatores, pela progressão/continuidade tópica. Esta estratégia a um só tempo, é uma possibilidade de observação analítica do texto e uma possibilidade de identificar o embricamento complementar entre duas funções fundamentais (tidas aqui como fundamentais) que são, dentre as citadas anteriormente, as funções cognitiva e de organização textual.

Sendo a Progressão Tópica um tipo de progressão textual, vale fazer aqui uma breve contextualização de sua colocação teórica.

A progressão textual aparece nos textos de duas maneiras: a primeira diz respeito às atividades formulativas que surgem por meio de recorrência de vários tipos, como por exemplo, por meio de paráfrases, de paralelismos, de recorrência de elementos fonológicos e outros. Assim, tem-se uma sequenciação de tipo parafrástica (*cf.* Koch, 2001b).

⁹ As interações verbais, de acordo com Mondada (2001), apesar de “[...] dar a impressão de um formigamento caótico de fragmentos e hesitações, de orientações e de trajetórias possíveis, a conversação é um fenômeno ordenado, do qual a ordem é ao mesmo tempo o princípio de inteligibilidade do evento e o resultado das atividades de coordenação dos locutores. Ainda que o próprio da conversação espontânea seja a não-programação dos tópicos que ali são abordados, sua análise revela coerências, modos de organização particulares governando (orientando-organizando) as contribuições temáticas..” (Mondada, 2001: 10).

A segunda maneira é a de que a Progressão textual pode ocorrer sem que haja ‘recorrências restritas’; isto é, são mobilizados outros recursos lingüísticos para garantir a continuidade de sentidos. Estes recursos

constituem-se em fatores de coesão textual e interferem de maneira direta na construção da coerência na medida em que garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de refacções semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e a articulação de seqüências textuais (Koch, 2002: 123).

Assim sendo, tem-se uma sequenciação de tipo frástica, que possui como estratégias a progressão temática e o encadeamento (Koch, 2001b).

A progressão Temática ocorre quando há relação entre os segmentos textuais, sejam no interior de enunciado (por meio da articulação tema-rema, em que a informação temática é dada, enquanto a remática é uma informação nova (cf. Koch, 2004), seja de um enunciado para outro (por meio de “progressão com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão com salto temático”) (Danes, 1974, apud Koch, 2004).

O encadeamento permite que ocorram “relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou seqüências maiores do texto”, seja por meio de articuladores textuais (por conexão), seja sem o uso destes articuladores (por justaposição) (cf. Koch, 2004:121).

Os articuladores textuais têm por função situar elementos significativos por meio de articuladores de conteúdo proposicional (“servem para sinalizar as relações espaciais e temporais entre os estados de coisas a que o enunciado faz referência ou estabelecer entre eles relações de caráter lógico-semântico, como causalidade, condicionalidade, conformidade e outros”), de articuladores discursivo-argumentativos (conjunções, explicação, especificações etc.) e também podem funcionar como organizadores textuais (estruturam a linearidade do texto organizando-o em fragmentos complementares) ou ter ainda função de ordem metadiscursiva (em termos gerais, são

inserções sob a formulação do enunciado ou sobre a própria enunciação) (cf. Koch, 2004).

O tema geral de um texto é composto por segmentos tópicos que podem estar direta ou indiretamente ligados a ele. Os segmentos tópicos vão aparecendo no texto falado, aparentemente de uma maneira caótica, mas se for usada essa noção de tópico discursivo para analisar uma interação face a face, será possível ver que este tipo de interação tem estratégias próprias da organização que permitem, ao final, que os locutores/interlocutores consigam elencar os principais tópicos abordados (Koch & Elias, 2006).

A progressão Tópica pode ocorrer de maneira contínua – quando “após o fechamento de uma seqüência tópica, tem-se continuidade, quando ocorre a manutenção do tópico em andamento” (Koch, 2004:97) – ou de maneira descontínua – quando há “uma quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico, tem-se a descontinuidade tópica, provocada pelo que se costuma denominar de segmentos ruptores ou digressivos” (Koch, 2004: 97).

A definição de tópico é dada por duas propriedades fundamentais: a *centração* (que é a direcionada para o que se fala) e a *organicidade* (que é direcionada para o como se fala) (Jubran et al, 1992, apud Koch, 2004). A centração é constituída por concernência (“relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de qualquer outra ordem – pela qual se dá sua inserção num conjunto de referentes explícitos ou inferíveis que se encontram ativados em determinado momento do discurso”), pela relevância (“proeminência desse conjunto de referentes em determinado segmento textual, em virtude da posição focal assumida pelos seus elementos”) e por pontualização ou delimitabilidade (“possibilidade de localização desse conjunto tido em dado momento como focal em determinado ponto do texto, através de marcas lingüístico-discursivas”) (Koch, 2004: 97).

A organicidade se manifesta pela articulação entre o plano hierárquico (“as relações tópicas se dão conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto” (Rezende, 2005: 87) e o plano seqüencial - ou linear, como quer Koch & Elias (2006) - (“os tópicos se relacionam de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacentes ou interposições na linha discursiva”) (Rezende, 2005:87).

Para garantir a coerência de um texto, é imprescindível que haja uma progressão tópica, ou seja, que o seu nível seqüencial ou hierárquico

se realize de forma que não ocorram rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico em andamento: inserções e digressões desse tipo necessitam de algum tipo de justificação, para que a construção de sentido e, portanto, da coerência, não venha a ser prejudicada. Isto é, a topicalidade constitui um princípio organizador do discurso (Koch, 2004: 99).

Este ‘princípio organizador do discurso’, a que se refere Koch, parece abranger uma função cognitiva, já que para que haja a continuidade tópica é necessário que haja veiculação de informações dadas e novas de maneira coerente e também uma função de organização textual, já que busca preservar a temática de maneira que os sujeitos consigam, por fim, entender-se¹⁰.

1.2. Referenciação e Afasia

Uma proposta interessante a ser defendida no interior da Lingüística é a de pensar o processo de construção de sentidos nas patologias de linguagem de maneira a aplicar este mesmo arcabouço conceitual e analítico utilizado na investigação dos “percursores normais da linguagem”¹¹. Para elucidar essa afirmação, vale dizer que os afásicos desenvolvem atividades referenciais quando constroem conjuntamente os

¹⁰ Neste sentido, o tópico é ele mesmo um tipo particular de objeto de discurso, estando, portanto, sujeitos aos mesmos procedimentos sócio-interativos que a referenciação. É Mondada mais uma vez que ensina: "Alguns desses objetos de discurso podem assumir um estatuto particular no discurso e na interação, identificado e reconhecido como tal pelos próprios participantes- e ser desta forma considerados como os tópicos, isto é, os objetos considerados e manifestados pelos participantes como aquilo sobre o qual falam e enquanto (ao mesmo tempo) em que falam." [p.9]. Coerentemente, nessa perspectiva, o tópico não deve ser considerado como uma categoria definida pelo analista, mas sobretudo "[...] como uma entidade relevante para os locutores, que lhes atribuem as propriedades específicas aos fins próprios de sua ação interacional" [p.9]. Esta é só uma outra maneira de dizer que o tópico realiza-se pela atividade conjunta dos participantes na interação, implicando, portanto, abandonos, negociações, defesas, manutenção etc.

¹¹ Jakobson (1954), ao analisar fenômenos afásicos, mostrou que também há regularidades na linguagem patológica, a exemplo do que ocorre na linguagem tida como ‘normal’. O que poderia apresentar diferenças seriam os tipos de regularidades encontradas e a maneira como os sujeitos gerenciam suas estratégias lingüístico-cognitivas.

sentidos, manipulando aspectos lingüísticos e não-lingüísticos, colocando em prática várias competências (lingüística, comunicativa, discursiva, pragmática) relacionadas nos atos de linguagem. Justamente por isso é que faz sentido estudar fenômenos interativos em situações enunciativas, pois, dessa maneira, considerando tanto os aspectos lingüísticos quanto os extralingüísticos, é possível estudar o que de fato os sujeitos (sejam eles afásicos ou não) fazem para se entender (Morato, 2001).

No contexto das patologias de linguagem, a determinação referencial, a subjetividade com relação ao discurso, a capacidade de manipular os vários e diferentes processos referenciais que estão em jogo na significação estão, de certa forma, alterados – o que é muito diferente de afirmar, por exemplo, que se encontrem irremediavelmente interditados. É claro que não há como não reconhecer que determinados elementos do conjunto ou determinadas estratégias de seletividade de fatores lingüísticos, cognitivos, pragmáticos, discursivos ou afetivos estejam alterados nos sujeitos afásicos. Tais fatores realmente podem influenciar, em maior ou menor grau, a determinação dos referentes, a maior ou menor sujeição ao discurso, a busca do sentido e a explicitação da significação (Morato, 2001).

Neste sentido, os estudos que desconsideram os aspectos pragmático-discursivos das atividades referenciais admitem que tanto os aspectos lingüísticos como os não-lingüísticos estão comprometidos nas afasias. Sob a ótica de tais estudos, o caráter metalingüístico e o caráter referencial da linguagem estariam alterados e/ou perdidos.

Todavia, a introdução da avaliação desses aspectos indica a necessidade, se não de uma recapitulação, ao menos de uma suavização ou refinamento dessas conclusões. Considere-se o dado a seguir. Ele foi extraído de uma reunião do CCA ocorrida em 20 de março de 2003, data em que oficialmente começou o conflito entre Estados Unidos e Iraque, no Iraque. E esse foi o assunto norteador da reunião, que diz respeito a uma discussão desenvolvida por sujeitos afásicos e não-afásicos. Os pesquisadores envolvidos estão representados pelas siglas EM, HM e os sujeitos afásicos pelas siglas MG, JM, SP e IP.

1. //EM procura situar o grupo sobre o início oficial do conflito, chamado aqui de guerra//

2. **EM:** é... você leu... bom... que a gente tava naquele pé antes né... se saia ou não saía a guerra... parece que realmente... esta batucada começou...
3. **[MG:** é
4. **MG:** é //concorda com EM e balança a cabeça negativamente//
5. **HM:** foi uma hora e meia depois
6. **[EM:** ...então...
7. **EM:** ãh? //dirigindo-se a HM//
8. **HM:** foi uma hora e meia depois do anunciado
9. **JM:** uma hora e meia //confirmando o que HM disse//
10. **EM:** ah... então as tropas que estavam lá começaram atacar... então é isso SI //procurando inserir SI na conversa//... parece então que o ataque já começou... agora os iraquianos tão lá se segurando... é ou não é... já imaginou um ataque dos americanos?
11. **SP:** é mas...num sei... mas eu acho...
12. **EM:** diga
13. **SP:** que.. Iraque...
14. **EM:** ãh
15. **SP:** vai vai //levanta o braço esquerdo acima da cabeça e o mantém levantado por alguns segundos – SP não possui a mesma mobilidade com o braço direito//
16. **EM:** vai... como é que é isso aqui? //repete o gesto feito por SP e faz a pergunta ao grupo// Vai se render?
17. //SP responde afirmativamente com a cabeça//
18. **JM:** quem?
19. **IP:** ah //parecendo compreender o gesto feito por SP// hein?
20. **EM:** //dirigindo-se a SP// é mesmo?
21. **JM:** se render?

22. **EM:** //dirigindo-se a JM// é... ou será que eles vão agüentar... um ataque... já pensou?... maciço dos Estados Unidos em cima
23. [MG: ah eu acho que não
24. **JM:** eu tenho a impressão que não
25. **EM:** que não vai se render?
26. //JM responde afirmativamente com a cabeça//
27. **SP:** não //considerando a fala de JM//... ele tem lá... cinqüenta por cento //gesticula apontando para o lado direito//... e cinqüenta por cento é //ergue novamente o braço//...
28. **EM:** ta... o senhor acha que uma parte do estado maior... uma parte do... das forças de elite... dos soldados vai se render e outra parte vai continuar a guerra?
29. [SP: certo certo //responde afirmativamente com a cabeça durante toda a fala de EM//
30. **JM:** preferia morrer de... preferia morrer do... do Saddam Hussein morreu né... preferia... até a morte
31. **SP:** não não... isso aí é... //concordando com JM//
32. **EM:** //dirigindo-se a JM// o senhor acha que o Saddam... a se render prefere a morte?
33. [JM: preferia
34. **JM:** é exatamente

Já no início do dado, na primeira fala da pesquisadora EM (linha 2: ... *a gente tava naquele pé antes né... se saía ou não saía a guerra... parece que realmente... esta batucada começou...*) há, em sua retomada sobre o assunto (invasão dos EUA ao Iraque), uma reativação da memória cultural de um elemento compartilhado entre os participantes do CCA, desempenhando funções cognitivas de referência, já que, pela sua fala, evoca que anteriormente a dúvida era se iria ou não acontecer a tal guerra (linha 2: ... *a gente tava naquele pé antes né... se saía ou não saía a guerra...*). Ainda nessa sua

fala, e também dentro de uma função cognitiva de referência, EM procede nessa estratégia remissiva a uma recategorização do referente ‘guerra’ (*guerra / batucada*) permitindo que haja uma reinterpretação de seu sentido. Na enunciação de *guerra* e *batucada* há uma progressão tópica: não é realizada uma simples ativação do referente (sendo que este possui estabilidade), mas sim uma recategorização do mesmo, acrescentando-lhe um outro sentido.

O fato de EM ter interpretado o gesto feito por SP (de levantar os braços acima da cabeça) e o fato da construção de sentido desse referente semântico-discursivo ter sido incorporado durante a situação (ele aparece retomado na fala de EM e de JM, gerando uma pequena discussão acerca da possibilidade dos iraquianos se renderem ao ataque dos EUA), demonstra que a dificuldade de explicar verbalmente o que estava querendo dizer fez com que SP mobilizasse uma outra estratégia comunicativa que o fizesse se instalar e permanecer como um locutor/interlocutor da interação discursiva. De fato, SP tinha uma contribuição a dar sobre o assunto e as suas dificuldades não o impediram de realizá-la. EM interpretou os recursos lingüísticos e os não-lingüísticos mobilizados por SP de maneira que a interação discursiva tivesse uma progressão tópica.

Em pelo menos outros dois momentos EM insere-se no discurso buscando obter uma organização textual: uma delas quando interpreta a fala e a performance gestual de SP (linha 28: *tá... o senhor acha que uma parte do Estado maior... uma parte do... das forças e elite... dos soldados vai se render e outra parte vai continuar a guerra?*) e a outra quando o faz com a fala de JM (linha 32: *o senhor acha que o Saddam... a se render prefere a morte?*). Em ambos os casos a intervenção feita por EM teve como característica uma orientação argumentativa que permitiu uma continuidade na interação dialógica sem, contudo, que houvesse uma dispersão do assunto tratado. Nos termos da Lingüística Textual houve, nesse caso, a manutenção do tópico.

Nota-se que a construção de sentidos foi se dando de maneira colaborativa durante toda a interação¹². A confirmação de que o ‘sentido foi atingido’ pode ser apreciada, por exemplo, nas falas ou nos gestos que seguiram as interpretações e nas reformulações (*exatamente*; o fato de concordarem afirmativamente com a cabeça) que

¹² Ao remeter aqui a idéia de colaboração não se quer, contudo, negar a existência de uma ‘disputa lingüística’ entre os sujeitos, já que a colaboração não é entendida aqui como uma ausência de discórdância.

demonstram que a construção que está se realizando está caminhando na direção da intenção de sentido pretendida.

Por fim, vale dizer ainda que o léxico pertencente ao mesmo campo semântico (guerra, tropas, ataque, ataque maciço) efetivamente utilizado durante toda a interação discursiva garantiu a progressão do sentido. Isto reafirma a observação de Koch, segundo a qual “a ativação de elementos componentes do mesmo esquema cognitivo, por meio da utilização de termos de um mesmo campo lexical, é responsável pela manutenção do tema ou tópico discursivo” (Koch, 2004: 84). Dessa maneira o tópico conversacional é mantido e há progressão textual.

Diante desse dado pode-se perceber que, mesmo na presença de dificuldade de ordem metalingüística, o entendimento e a co-construção do sentido entre os afásicos e os ‘não-afásicos’ não depende exclusivamente de categorias ou processos metalingüísticos. E isso é devido ao fato de os sujeitos trabalharem conjunta e colaborativamente, em um coletivo em busca da compreensão do mundo.

Estas indicações a respeito das estratégias de referenciação têm também a intenção de trazer à baila as estratégias apontadas por Koch (2002) como sendo metalingüísticas ou metadiscursivas. Ao se remeter à referenciação como uma atividade enunciativo-discursiva, Morato fala de uma ‘postura metaenunciativa’ dos falantes em relação à construção de objetos de discurso:

a referenciação pode ser entendida como um fenômeno discursivo por explicitar enunciativamente os processos de significação nela envolvidos (o plano enunciativo da metalinguagem), por ser constituída por instâncias pragmáticas e culturais que presidem a utilização da linguagem, por ser marcada pelos aspectos sociais e intersubjetivos das interações que lhe são próprias.” (Morato, 2001:59).

Deste modo, a referenciação, compreendida como um dos elementos constitutivos dos processos de significação evoca a dimensão da subjetividade, a presença de semioses co-ocorrentes (postura, gestual, olhar etc.) e também variados

processos “meta” (metalingüísticos, metadiscursivos, metaenunciativos) que estão em jogo na linguagem - inclusive de sujeitos afásicos. É por salientar mais claramente os aspectos da linguagem e da cognição em suas ‘instâncias pragmáticas e culturais’ que este conceito foi eleito para demonstrar como tais procedimentos/estratégias interferem na construção de sentidos. E é a isso que o próximo capítulo vai se dedicar.

CAPÍTULO 2 – Referenciação e Metalinguagem na interação entre afásicos e não afásicos

Historicamente, o estudo científico das afasias delineou-se a partir da segunda metade do século XIX, tendo se desenvolvido pela mobilização de diversas ciências concorrentes para fornecer-lhe uma definição satisfatória. Desde as primeiras e posteriormente abundantes classificações e taxionomias dos diversos tipos de afasia nos estudos descritivos dos campos da Neurologia e da Afasiologia dita clássica, que correlacionavam modificações no comportamento dos sujeitos com lesões localizadas em regiões cerebrais específicas, até as posteriores tipologias produzidas no campo da Lingüística, uma tensão explicativa se impões no cerne das controvérsias. Esta tensão diz respeito ao aporte cognitivo (entendido como cerebral ou mental) ou ao aporte lingüístico como a chave explicativa para o fenômeno afasiológico (cf. Busato, 2001).

No interior da Neurolingüística atual, apoiada fortemente nas teorias lingüísticas desenvolvidas a partir de meados do século XX, a afasia “tem sido tradicionalmente definida como um problema metalingüístico”, isto é, “o que estaria afetado nas afasias diz respeito fundamentalmente a um conhecimento metalingüístico do mundo” (Morato, 2004: mimeo). A definição de afasia como um problema de metalinguagem não dirime a tensão entre os dois tipos de aporte, até porque não é uma solução teoricamente simples para a sua explicação. Pelo contrário, suscita novas e mais aprofundadas questões, uma vez que diferentes maneiras de conceituar metalinguagem relacionam variadas concepções de cognição, de linguagem e de sujeito. Seja no caso de um aporte cognitivo, seja no caso de um aporte lingüístico, o que está em jogo na descrição e explicação do fenômeno afasiológico a partir da adoção do conceito de metalinguagem é a relação de interioridade ou de exterioridade entre linguagem e pensamento.

Sendo assim, este capítulo terá como propósito situar o conceito de metalinguagem nas discussões acerca da sua interioridade ou exterioridade em relação a linguagem, indicando as implicações de uma ou outra perspectiva de análise. Em um segundo momento serão apresentadas algumas estratégias metadiscursivas que permitem o enriquecimento da análise de situações interlocutivas – o que será exemplificado por meio do exame de situações extraídas de reuniões do CCA. Por fim, será apresentado um dado com a intenção de que ele permita discutir as teorizações feitas sobre os pressupostos que serão apresentados no decorrer do capítulo.

2.1. *Metalinguagem e Subjetividade*

Em seu amplo e detalhado estudo sobre o trajeto da noção, Busato (2001) afirma que *Metalinguagem* foi inicialmente um conceito criado no domínio da Lógica por Tarski, e que foi importado para a Lingüística por Hjelmslev. Foi tratado de maneira mais sistemática por Jakobson, justamente por ocasião de seus estudos sobre a afasia e obteve larga aceitação entre os lingüistas das décadas de 1950 e 1960. Na Neurolingüística, foi Lebrun quem propôs a adoção do conceito, de modo a aproximar a explicação do fenômeno afasiológicos da esfera lingüística e simultaneamente afastá-la do domínio mental, no qual a afasiologia tradicional a havia confinado (Busato, 2001)¹³.

O termo ‘meta’ remete à capacidade que a linguagem tem de voltar-se para si mesma é essa capacidade de chamar a atenção para a explicitação do sentido que possibilita a reformulação do que foi dito ou pensado. Em outras palavras, indica a tomada de consciência do objeto lingüístico ou, ainda, a reflexividade própria das línguas naturais.

Ao se falar em metalinguagem há basicamente duas posições na Lingüística a esse respeito (Cf. Morato, 2003): uma que considera o ‘meta’ como algo independente da linguagem, portanto, fora da linguagem, admitindo-o como tributário de conteúdos cognitivos (ou seja, a metalinguagem é caracterizada essencialmente como uma operação mental dos sujeitos) e uma outra que considera o componente ‘meta’ como constitutivo da linguagem (Busato, 2001)¹⁴. Apesar de não ser o propósito aqui o de explicar as grandes discussões em torno do conceito de metalinguagem, vale mencionar alguns dos autores que se aproximam de uma ou outra posição ao considerar a reflexividade da língua. Entre os que partilham da primeira posição, juntamente com Jakobson, estão Lyons, Chomsky, Culioli. Na segunda posição encontram-se, ao lado de Benveniste, autores como Authier-Révuz, Arrivé, Ducrot (Morato, 2001; Morato, 2002; Morato, 2005a).

¹³ Conforme mostra Busato (2001), apoiando-se na pesquisa de Françoso (1987), nos estudos atualmente reconhecidos como de Afasiologia clássica, a afasia é caracterizada como um problema de linguagem interna, compreendendo-se com isso que se trata de um problema relacionado à “representação mental da linguagem” decorrente do comprometimento de determinadas “funções intelectuais”, notadamente das capacidades de “pensamento categorial” e de “atitude abstrata”. Ou seja, a afasia representaria um comprometimento total das funções e capacidades lógico-perceptivas dos sujeitos (Busato, 2001: 21 e ss).

¹⁴ “No tocante à questão da metalinguagem há, pois, duas posições básicas, e elas revelam implicações epistemológicas diferentes para os estudos neurolingüísticos: a) o componente “meta” existe, e existe independentemente da linguagem (na medida em que seria tributário de conteúdos cognitivos). [...] b) o “meta” não existe, ou existe de forma integrada e constitutiva à linguagem e ao lingüístico

Como mencionado, Jakobson (1954/1981) trata da metalinguagem ao debruçar-se sobre o fenômeno das afasias¹⁵. Para este autor, a metalinguagem é a linguagem que se usa para falar de um código lingüístico. Trata o conceito como algo “fora da linguagem” ao considerar a distinção entre linguagem-objeto e metalinguagem:

Uma distinção claramente antecipada pela tradição da Grécia antiga e da Índia e levada adiante pelos tratados medievais de suppositionibus tem sido defendida na Lógica moderna como a necessidade de distinguir entre dois níveis de linguagem; a saber, a “linguagem-objeto” que fala de questões alheias à linguagem como tal, e por outro lado, uma linguagem em que falamos do código verbal mesmo. Este último aspecto da linguagem chamar-se “metalinguagem”, tradução do termo polaco introduzido nos anos 30 por Alfred Tarski (Jakobson, 1956:85).

Esta distinção é feita pelo autor para ter a possibilidade de operar com dois níveis de linguagem: aquele em que a linguagem é utilizada em práticas comunicativas e aquele em que toma a própria língua como objeto. Dessa maneira, a distinção entre metalinguagem e linguagem-objeto se dá de forma que a primeira remete-se ao próprio código verbal e a segunda é a que se remete a outros aspectos que não o código verbal – o exterior lingüístico (Jakobson, 1960). Segundo Busato, Jakobson propõe também uma distinção entre metalinguagem e função metalingüística, apesar de, ao cabo, reduzir a análise da primeira à da segunda:

¹⁵ Jakobson, seguindo a classificação neuropsicológica proposta por Luria, considerou os seis tipos de afasias: eferente, aferente, sensorial, dinâmica, semântica e amnésica. Segundo o autor, a metalinguagem estaria afetada nos sujeitos com afasia predominantemente do tipo sensorial. Este tipo de afasia tem como característica o “distúrbio da similaridade”, em que o sujeito se ampara no contexto verbal, ou melhor, no eixo sintagmático, para suprir a carência que possui de lidar com o eixo paradigmático. Assim, Jakobson relaciona os tipos de afasia ao funcionamento de dois eixos de relações simbólicas que se projetam um sobre o outro: o paradigmático/metafórico e o sintagmático/metonímico.

o que parece evidenciar-se [nos trabalhos] de Jakobson é que, partindo de uma concepção de linguagem como língua, como código, as operações metalingüísticas são da esfera do domínio mental. Por outro lado, a função metalingüística é da ordem da fala, que na visão estruturalista é concebida apenas como expressão externa de conteúdos internos ou do pensamento, ou seja, como o significante, expressão fônica de um conceito. Assim, evidencia-se que, para Jakobson, a função metalingüística, aquela em que se usa a linguagem para falar sobre a linguagem (na verdade, o código) no nível sintagmático, tem, em sua base, operações no nível paradigmático (Busato, 2001: 42).

Seguindo a trilha inaugurada por Jakobson, Lebrun, no campo da Neurolingüística, incorpora a noção de metalinguagem para a explicação do fenômeno da afasia. Sua intenção ao empregar o conceito é a de modificar o enquadramento teórico de entendimento das afasias: transferi-lo do domínio estritamente mental para a arena do domínio lingüístico, de modo a abarcá-las como um distúrbio de linguagem. Vale-se para isso da distinção entre uso e menção, que recobririam diferencialmente o aspecto comunicativo e o aspecto reflexivo da linguagem. O uso se dá quando existe referência ao extralingüístico e a menção ocorre quando o sujeito utiliza a linguagem para se referir a ela própria. Vê-se, portanto, que a distinção entre linguagem e metalinguagem proposta por Lebrun se fundamenta nas idéias de Jakobson a respeito do assunto: a metalinguagem é o uso da linguagem para se referir a si mesma enquanto que a linguagem-objeto se refere a algo diferente dela própria. Sendo, portanto, a metalinguagem relacionada à capacidade verbal, caracterizar a afasia como um problema de metalinguagem significa reconhecer que não se trata de um comprometimento das capacidades cognitivas totais do sujeito, mas sim de uma perturbação relacionada a uma capacidade lingüística, verbal, qual seja, a aptidão para manipular a metalinguagem (cf. Busato, *op.cit.*: 42 e ss).

Ao avaliar as contribuições dessa posição que considera a metalinguagem como um sistema autônomo e heterogêneo em relação à linguagem, Busato assinala que ela é ressaltada que ela é remetida ao domínio mental, ou seja, a metalinguagem é compreendida como um “fenômeno lógico-perceptivo” (cf. Busato, 2001: 105). Conseqüentemente, esta perspectiva, apesar da tentativa de introduzir as afasias no domínio do sistema lingüístico (distanciando-se das formulações da Afasiologia clássica), termina por impor-se uma limitação explicativa, por conta de seus próprios supostos analíticos. A ‘fixação’ das afasias no domínio lingüístico esbarra em concepções estruturalistas de língua enquanto código, da dicotomia língua-fala (a língua como um sistema fechado e homogêneo, excluindo o extralingüístico) e da subordinação do lingüístico ao cognitivo, já que reduz as operações metalingüísticas à esfera mental do uso da língua. Ora, não é difícil reconhecer aqui a presença da concepção representacional e subjetivista de linguagem, tal como descrita anteriormente¹⁶. Para os propósitos deste trabalho, é aceitável reafirmar que esta perspectiva “reduz o fenômeno da metalinguagem a uma reflexividade de caráter descritivo e referencial, estritamente lingüístico” (Busato, *op. cit.*: 105).

A segunda posição básica a respeito da metalinguagem também se detém em sua caracterização como reflexividade, porém considerando-a como parte constitutiva e indissociável da própria linguagem, isto é, como *reflexividade enunciativa*. A metalinguagem é vista como parte integrante da linguagem por continuar sendo linguagem ao se auto-referir; a reflexividade possibilita à linguagem ter a si mesma como objeto de interpretação – o que acontece dentro do próprio discurso, em um plano que poderia ser chamado *plano enunciativo da linguagem*. Conforme observa Morato,

em uma perspectiva enunciativa da metalinguagem são salientados os motivos intersubjetivos dos sujeitos na interpretação e na construção do sentido, a constituição heterogênea das significações, o funcionamento da linguagem como atividade compartilhada (Morato, 2005a: 251).

¹⁶ Cf. também capítulo 1 desta dissertação.

Esta posição assume como posto de observação a linguagem em uso, abraçando uma concepção internalista da relação entre linguagem e cognição¹⁷. Ao propor essa relação de continuidade entre linguagem e cognição (entendendo a primeira como o mediador simbólico entre o social e o biológico e a segunda como uma propriedade neuro-psico-social tecida sócio-interativamente) e deslocar o olhar analítico para a linguagem em funcionamento, uma distinção rígida entre diferentes tipos de atividade meta que se baseie nos diferentes níveis de consciência/inconsciência do sujeito sobre as operações lingüísticas em uso não necessariamente precisa ser defendida¹⁸. É por esse motivo que uma determinada vertente dessa posição reconhece como suficiente o emprego de um único termo, a *metalinguagem*, para “se referir à capacidade ‘mais ou menos’ consciente que os falantes têm do uso que fazem da língua (e da linguagem)” (Morato, 2005a: 248). ‘Metalinguagem’ é um termo que passa a fazer remissão a um tipo de movimento sócio-interativo (o trabalho sobre a língua) próprio das práticas lingüísticas. Portanto, organiza-se integrando enunciado e enunciação, já que a este conceito se acopla a idéia de ação verbal e essa, por sua vez, congrega o enunciado e suas condições enunciativas. Nesse contexto, entende-se porque, nesse enquadramento teórico, a noção de ‘função’ é substituída pelas de ‘estratégia’, de ‘operações’, de ‘procedimentos’ ou mesmo de ‘postura’: “O questionamento da dicotomia consciente/inconsciente, ou a consideração da noção de reflexividade enunciativa nos processos de referenciação deslocam o problema da metalinguagem da esfera mental para a esfera dos processos de significação implicados nas inúmeras práticas humanas” (Morato, 2004: mimeo).

¹⁷ Cf. novamente o capítulo anterior, no qual também este tipo de internalismo foi objeto de exposição.

¹⁸ No interior dessa posição, existe uma corrente, representada pelos trabalhos de Culioli, Franchi e Possenti, que defende a divisão entre metalinguagem e epilinguagem. Morato expõe essa diferenciação da seguinte maneira: “Franchi (1987), a propósito, reforça a idéia de um estatuto próprio da atividade epilingüística no funcionamento da linguagem, fazendo uma distinção entre os diferentes níveis de reflexões do sujeito com a linguagem. As atividades epilingüísticas, aqui, são tidas como atividades que, tomando as próprias expressões usadas por objeto, suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Seriam operações que se manifestariam nas negociações de sentido, em hesitações, em auto-correções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos etc. e que estão sempre presentes nas atividades verbais. Já as atividades metalingüísticas, segundo Culioli (1968, 1982), tomam a linguagem como objeto não enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo, mas conscientemente falam da língua. Analisam a linguagem como construção de conceitos, classificações etc., definem parâmetros para decidir sobre questões como erro/acerto no uso da linguagem, pronúncia correta, construção adequada de sentenças ou de utilização dos recursos lingüísticos. As atividades lingüísticas, por sua vez, são praticadas nos processos interacionais e se referem ao assunto em questão, permitindo sua progressão; demandam uma reflexão automática, sem suspensão das determinações do sentido que se pretendem construir” (Morato, 2004: mimeo).

Sediar os procedimentos metalingüísticos nas práticas sociais discursivas e enunciativas ao invés de no domínio mental, equivale a direcionar o olhar sobre a metalinguagem não mais para o plano interno do sujeito em si, mas visualizar “os movimentos de explicitação das manobras do sujeito sobre a linguagem em função de ajustes e adequações promovidos pela interação, pela interlocução, por múltiplas atividades psico-sociais” (Busato, 2001:108).

Nesse ponto, evidencia-se não a supressão do plano interno, estritamente mental ou cognitivo do sujeito, e sim a incorporação teórica da dialogia e dos efeitos da interação como elementos fundamentais e indissociáveis das definições de consciência de sujeito e de subjetividade, como complemento ao postulado do enredamento entre lingüístico e extralingüístico:

A consciência não corresponderia a uma espécie de fenômeno neuropsicológico isolado, particular; antes, ela é possível a partir do concurso de vários processos sócio-cognitivos com os quais aprendemos e operamos sobre a realidade. Sendo a linguagem a mais radical das práticas simbólicas humanas, a consciência parece ser, desde o início – e sempre – enunciativa (Morato, 2005a: 258-259).

Isso significa que o plano interno não é um dado apriorístico, mas é constituído tendo por base uma atividade externa mediada por processos semióticos e por outros sujeitos da linguagem. A ênfase posta nas situações sócio-interativas e nos processos de significação como os espaços de (re)produção dos sujeitos na, da e com a linguagem exibem tanto as relações dos sujeitos entre si como entre os sujeitos e a própria língua. Tais espaços são o verdadeiro local de apropriação da condição de sujeito e de posse da língua: experienciar-se nesses espaços é condição fundamental não somente para os indivíduos assumirem sua qualidade de sujeitos como também condição fundamental para que tais sujeitos reconstruam-se e tomem consciência da língua como efeito de atividades de explicitação de sentidos. Assim, a subjetividade só pode ser compreendida

como atualização da introjeção da intersubjetividade na dialogia. Nesses moldes, a intersubjetividade

está ligada à qualidade das significações construídas na interação, significações que não podem ser atribuídas a nenhuma subjetividade isoladamente. Intersubjetividade, assim, diz respeito a uma reciprocidade interlocutiva, entendida como criação de sentido no e pelo diálogo (Morato, 2005c: 5).

A reflexividade presente na linguagem em funcionamento tem caracteres simultaneamente estruturantes e comunicativos que amalgamam na significação lingüística manobras de ajustamento recíproco sobre o que se diz e sobre o como se diz, ou seja, coloca aos sujeitos o desafio de lidar ao mesmo tempo com os aspectos relacionados aos processos verbais (formas de dizer algo implicadas na língua) e pragmáticos (gestão das dimensões situacionais) em que estão inseridos. Nas práticas discursivas os sujeitos lidam com as formas e os efeitos de sentido enquanto processos complementares.

Verifica-se que a proposta de sediar a reflexividade metalingüística na própria linguagem é acompanhada por uma nova concepção de sujeito. É o que conclui explicitamente Morato:

O caráter reflexivo da linguagem nos conduz a uma outra definição de sujeito: no discurso, o sujeito fala de qualquer coisa e ao mesmo tempo o faz dizendo. E o faz ainda de forma a indicar (e a constatar) uma heterogeneidade social, cultural, lingüística etc. Ele se situa em algum lugar entre o individual, o dialógico e o coletivo. Ele domina seu discurso sem ser na verdade seu mestre. Por isso, não se pode negar que no discurso há marcas de

subjetividade tanto quanto há marcas de heterogeneidade (Morato, 2004: mimeo).

Assim, ser sujeito na linguagem significa, grosso modo, produzir e interpretar. Para a interpretação, segundo Possenti (1992), é necessário que o sujeito seja “*capaz de dar-se conta do domínio ou dos domínios – ou sistemas de referência - no qual ou nos quais os textos devem ser interpretados*” (Possenti, 1992: 38). Dessa maneira, para se tornar sujeito na linguagem é imprescindível reconhecer a heterogeneidade dos discursos e reconhecer também que a própria linguagem é uma das variedades de sistemas a que esta heterogeneidade pode se referir. Enfim, dessa perspectiva a subjetividade é considerada como explicitação do sujeito na linguagem e a consciência é uma consciência discursivamente condicionada.

Esta posição que concebe a metalinguagem como constitutiva da própria linguagem apresenta a possibilidade teórico-metodológica de lidar com os planos ambivalentes e simultâneos da linguagem em uso tal como ela se apresenta aos próprios sujeitos em seus atos pragmático-enunciativos. Adiciona a isso o redimensionamento da caracterização da subjetividade pela integração dos aspectos intersubjetivos em sua determinação, de modo a pôr em evidência que o acionamento das estratégias metalingüísticas ocorre em atividades contextualizadas, nas quais o locutor “avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer; ou, então, reflete sobre sua enunciação, expressando a sua posição, o grau de adesão, de conhecimento, atenuações, juízos de valor etc., tanto em relação àquilo que está a dizer, como em relação a outros ‘ditos’” (Koch, 2004:120).

A ênfase sobre as situações interativas, fio condutor desta dissertação, corresponde a esta segunda posição. O que se pretende evidenciar são os aspectos metalingüísticos que não necessariamente prestam-se a uma qualificação de gramaticais, mas que aludem as operações com a língua que estão relacionadas com os sentidos lexicais. Eis então porque não só a concepção que situa a metalinguagem fora da linguagem, mas também a vertente que, embora partilhando do suposto da metalinguagem como constitutiva da linguagem, faz a distinção entre meta e

epilinguagem¹⁹, não correspondem à perspectiva da teoria da linguagem enunciativo-discursiva tal como compreendida aqui. Mais uma vez, vale sublinhá-la: “*Enunciativa* porque importa a *enunciação* para o outro, e meio a contingências próprias de uso social da linguagem; *discursiva*, porque é a forma de a linguagem se expor como atividade significativa, estruturada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes” (Coudry, 2002:111). Ainda mais, ambas as alternativas teóricas eclipsariam os variados e simultâneos expedientes lingüísticos, a detecção das várias demandas que os sujeitos têm para trabalhar com a linguagem em uso ou, mais modestamente, os aspectos da linguagem em uso que se pretende enfatizar.

Porém, compartilhar da suficiência da categoria “metalinguagem” para lidar com trabalho com a linguagem realizado pelos sujeitos não exime a proposta analítica de reconhecer a diversidade das estratégias envolvidas, pois:

Os procedimentos meta (relativos a processos de significação verbal e não-verbal) demandam diferentes níveis de reflexão dos sujeitos sobre a linguagem e essa reflexão, que também torna o sujeito um ‘observador das palavras’ (na feliz expressão de Authier-Révuz), envolve um trabalho sobre a língua e a exterioridade. (Morato, 2001:69).

Ao abrir mão, como o faz essa perspectiva, da dicotomia consciente/inconsciente para lidar com esses diferentes níveis de reflexividade, a saída encontrada é a de situá-los nos vários níveis simultâneos das performances dos sujeitos da/na linguagem no curso das situações interativas. Por isso a categoria “discurso” tem lugar privilegiado na armação conceitual desta pesquisa e a operacionalização da análise da metalinguagem acarreta o ingresso da categoria “metadiscurso”, segundo o entendimento que Risso & Jubran (1998) têm do termo²⁰. Conforme verifica-se pela exposição anterior a respeito da metalinguagem, existe também concordância com as afirmações de Jubran (2005) de

¹⁹ Cf. nota anterior. De fato, a distinção entre meta e epi (que parece insinuar a distinção uso/menção) seria responsável, segundo Coudry, pela classificação das atividades metalingüísticas como referenciadas a uma concepção estritamente normativa e/ou gramatical da língua, justamente porque a metalinguagem é reservada às atividades conscientes e explícitas de menção à língua (cf. Coudry, 2002).

²⁰“O metadiscurso constitui-se simultaneamente como discurso e como glosa sobre o discurso” (Risso & Jubran, 1998:2).

que o metadiscorso institui “o discurso como objeto de discurso, estabelecendo referências a diferentes fatores da atividade enunciativa” (Jubran, 2005:238). Ou, mais especificamente, quando sublinha que

a diferença específica do metadiscorso não está na dicotomia uso/menção e sim na natureza de objeto de discurso que ele instaura no texto: no metadiscorso, as palavras são usadas para referirem-se à própria atividade discursiva, indicando a introjeção da enunciação na materialidade textual (Jubran, 2005:220).

Essa aproximação entre “metalinguagem”, tal como defendida nessa pesquisa, e “metadiscorso” torna-se mais nítida quando se considera a proposta de Jubran (*op cit.*) para classificar as modalidades de metadiscorso em textos falados. De acordo com a autora, a atividade metadiscursiva pode apresentar-se sob pelo menos cinco formas: quando a referência, no discurso, é a própria formulação lingüística (comentários sobre o uso das palavras ou sinalização do relevo que determinada informação ou item lexical assume no texto, por exemplo); quando a referência recai sobre a estruturação tópica ou progressão textual; quando há marcação das condições dialógicas de locutor e interlocutor; quando existe uma referência aos papéis discursivos ou socioinstitucionais dos interlocutores; e, finalmente, quando a natureza do próprio ato comunicativo é objeto de referenciação (*cf. Jubran, op. cit.*)²¹.

2.2 Estratégias Metadiscursivas

Para prosseguir discutindo os aspectos apresentados, serão considerados os tipos de *estratégias metadiscursivas* eleitos e descritos por Koch (2004) em sua análise das

²¹ Esta intercambialidade entre ‘metalinguagem’ e ‘metadiscorso’, para fins de operacionalização da análise, está parcialmente autorizada pelo movimento inverso ao realizado pela própria Jubran no texto citado, explicitamente quando toma as formulações de Koch e Marcuschi (1998) a respeito dos processos de referenciação enquadrado na categoria de ‘metalinguagem’ e os subsume à categoria ‘metadiscorso’. Assinala-se, com isso, que a transposição realizada por Jubran pode ser interpretada como um via de mão dupla. *Cf. Jubran, 2005, páginas 236 e 240, especialmente notas 35 e 37.*

estratégias textual-discursivas de construção de sentido, quais sejam, as *metaformulativas*, as *modalizadoras ou metapragmáticas* e as *metaenunciativas*.

Segundo a autora, estes três tipos de estratégias possuem alguns pontos em comum: tratam de “um trabalho do locutor sobre a língua, sobre seus efeitos e suas circunstâncias pragmáticas”, são “configurações enunciativas de reflexividade metadiscursiva” e, por fim, todas incidem “sobre o modo como aquilo que se diz é dito, o debruçar-se do enunciador sobre os enunciados que produz”. Contudo, como não poderia ser diferente, possuem aspectos que as distanciam:

1. enquanto as estratégias metaformulativas têm como escopo o texto (e, portanto, o “dito”), as “lógico”-pragmáticas têm como objeto a relação intersubjetiva (o “modus”) e as metaenunciativas dobram-se mais sobre o “dizer-enquanto-se-diz”;
2. apenas as metaenunciativas são claramente autonômicas, isto é, nelas há maior explicitação da representação que o enunciador (sujeito da enunciação) faz de seu dizer;
3. o escopo das estratégias metaformulativas é nitidamente textual, o das “lógico”-pragmáticas são as atitudes, os juízos a respeito do mundo, a própria interação, ao passo que as metaenunciativas são tipicamente enunciativo-discursivas;
4. os três tipos de estratégias diferenciam-se pelo grau de reflexividade, que atinge o grau máximo nas metaenunciativas (Koch, 2004: 121).

Para exemplificar os três tipos de estratégias metadiscursivas foram selecionados alguns exemplos retirados do banco de dados do CCA em que participam sujeitos afásicos e não-afásicos (pesquisadores, convidados, familiares etc). Estes exemplos

foram selecionados por se tratar de situações cotidianas que fazem parte da rotina das pessoas que dela participam²².

As *estratégias metaformativas* são aquelas em que o sujeito age sobre os enunciados que ele próprio produz, “procedendo a reformulações, refletindo sobre a adequação dos termos empregados, sobre a função de um segmento em relação aos precedentes ou subseqüentes. Têm, pois, como escopo, o próprio texto, isto é, operam mais de forma metalingüística ou epilingüística” (Koch, 2004: 122).

Entre as estratégias metaformativas estão as *reformulativas*, que podem apresentar a forma de uma *reformulação saneadora*. Nesta, o locutor busca um ajuste para melhor elucidar aquilo que tem a intenção de dizer. Essa precisão em dizer algo pode acontecer por meio de *correções* (que podem ser auto ou heterocondicionadas) e também de *repetições ou paráfrases saneadoras* (necessariamente heterocondicionadas).

As *correções* são comuns na língua falada: em virtude de uma percepção quase que momentânea do que está sendo dito, o sujeito provoca uma ‘quebra’, uma descontinuação em sua fala para substituir o que vinha falando por um termo, uma expressão que considere mais adequada. Às vezes esse tipo de correção pode vir marcada por um *não* que antecede a palavra ou a maneira *correta* de dizer. Em virtude da percepção e da correção ser do próprio locutor é que se tem uma correção autocondicionada.

Abaixo serão descritos dois exemplos de correções autocondicionadas, a primeira se tratando de uma correção na forma de dizer a mesma palavra e a segunda dizendo respeito a um nome dito incorretamente e o sujeito tentando corrigi-la.

O exemplo abaixo foi extraído de uma conversa em que, por ocasião da reforma da Previdência, que ocorreu em 2003, o grupo estava discutindo sobre os salários exorbitantes no funcionalismo público do Brasil²³.

JM: (...) não é isso que eu quis dizer... o tempo por salário que recebe cinquenta e sete mil...

²² Para uma melhor apreciação dos exemplos que serão apresentados, vale relembrar que as siglas correspondentes aos pesquisadores serão sublinhadas.

²³ O exemplo foi extraído da reunião do dia 07 de agosto de 2003.

EM: poucos né?... no Brasil?

JM: é!

EM: sim...

JM: mas até o:: funcionário público atende... atinge isso?

EM: alguns atingem... por exemplo se... por exemplo os militares são funcionários públicos... os juizes são funcionários públicos...

JM: [não... não... os funcionários daqui... //apontando para o chão//

EM: não... claro que não...

JM: daqui?

EM: daqui não... daqui da universidade?

JM: é!

EM: não!

O sujeito JM corrige a sua própria fala de maneira quase que instantânea. A princípio ele diz que ‘funcionário público atende’, mas corrige enunciando “atinge”, pois parece julgar mais adequada a substituição, como de fato é. Após a sua própria correção continua a sua fala e EM incorpora o termo usado (*atinge / atingem*) em seu enunciado.

No segundo exemplo, que será apresentado abaixo, o grupo estava selecionando algumas notícias do jornal para comentar e discutir. MG apontou uma foto e queria dizer o nome da personagem que aparecia nela.

MG: //apontando para uma foto no jornal e dirigindo-se a FC//
Luca... não... Luca... //risos de MG//

FC: //olhando a foto apontada por MG// GUGA... do tênis...

MG: não!... Luca... não...

HM: //dirigindo-se a MG// o que que é?

MG: //apontando novamente a notícia do jornal// Guga!

HM: o que que aconteceu com o Guga?

MG: //lendo// “... lamenta... derra/... derrota... e diz que não é mais aquele”... //risos de MG//

Nesse exemplo a correção autocondicionada aparece em dois momentos: o primeiro momento foi quando MG tenta falar o nome ‘Guga’, mas o troca por outro (‘Luca’). Apesar de FC dizer o nome ‘correto’, o problema parece não ser resolvido, já que para MG a questão não é de reconhecimento da personagem, mas sim da pronúncia de seu nome. A correção autocondicionada acontece porque após evocar o nome incorreto, imediatamente se corrige dizendo ‘não’, desta maneira, faz uma correção de maneira explícita até conseguir pronunciar adequadamente o nome que quer dizer. O segundo momento aparece quando MG está lendo a notícia e começa dizendo uma palavra ‘*derra*’ e, percebendo o seu erro, imediatamente se corrige e lê ‘derrota’.

Como apontado inicialmente, além das correções autocondicionadas, também existem as heterocondicionadas, portanto, instigadas pelo outro, que pode sugerir implícita (por meio de uma estranheza aparente) ou explicitamente a correção.

No próximo exemplo o grupo estava discutindo sobre o conflito entre os Estados Unidos e Iraque, e sobre os países que apoiavam ou repudiavam a invasão dos Estados Unidos ao Iraque²⁴.

EM: é.. mas... ãh... enfim... agora as pessoas ficam assim... um pouco partidárias né... não de um lado ou de outro... né... mas um pouco da interpretação das causas dessa guerra... isso que é o importante né... que os dois não são boas biscoas a gente sabe né... mas a interpretação dessa guerra... vai demorar não vai... os Estados Unidos vão invadir o Iraque depois... vão tomar conta de um país que não é deles... como é que vai ficar?

JM: ah... aí a Rússia já... já... implorou... implorou... não

²⁴ Exemplo extraído da reunião do dia 20 de março de 2003.

EM: *é... a Rússia não implora... ((risos)) pediu*

JM: *pediu* para os Estados Unidos acabar com a guerra

Nesse episódio o sujeito JM usa o verbo implorar no passado, mas parece não o achar muito adequado. EM percebeu e, justificando a inadequação rapidamente, sugeriu um outro verbo (verbo pedir: “pediu”), que é aceito por JM que agrega a sugestão de correção à sua fala e prossegue no que estava dizendo.

Diferentemente das *correções* (que podem ser auto ou heterocondicionadas), as *paráfrases e repetições saneadoras* são, normalmente, heterocondicionadas. Elas acontecem quando o outro demonstra de alguma maneira que não compreendeu o que está sendo dito.

No próximo exemplo o grupo estava discutindo sobre a reforma da Previdência que aconteceu em 2003²⁵.

EM: o senhor pode receber ATÉ dois mil e quatrocentos... se o senhor recebe mil... vai continuar recebendo mil... o senhor não pode receber além de dois mil e quatrocentos...

JM: *como é que é?*

EM: se ele recebe mil... vai continuar recebendo mil... eu tenho a impressão... o que ele não pode fazer é receber mais do que dois mil e quatrocentos... se o senhor recebe mil reais de aposentadoria... vai continuar recebendo mil... o senhor não pode é receber além de dois mil e quatrocentos...

Nesse exemplo, EM está explicando sobre a maneira como compreendeu a forma que seriam pagas as aposentadorias. Diante de sua explicação, JM explicitou um não entendimento. Mediante essa explicitação, EM repete a explicação de uma outra maneira para fazer-se entender por JM.

²⁵ Exemplo extraído da reunião do dia 07 de agosto de 2003.

Juntamente com as *estratégias reformulativas* apontadas e exemplificadas, existem outras *estratégias metaformulativas*. Nestas, a reflexão é feita pelo locutor por meio da maneira como as palavras foram ditas: pode acontecer por meio da explicitação de uma palavra utilizada, ou então pelo esclarecimento de conceito em comparação com outro etc.

No exemplo abaixo descrito, JM estava contando ao grupo de pesquisadores e ao de afásicos sobre como é difícil ver outros afásicos ‘como ele’. O exemplo apresentado a seguir é apenas o início da colocação de JM frente a imprecisão nas informações dadas e o conhecimento que os profissionais de saúde possuem sobre a afasia²⁶.

EM: a gente contou... por exemplo... dados de pessoas que tiveram traumatismo crânio encefálico... mas nem todas as pessoas que têm traumatismo tem afasia... então.. portanto...

JM: esse é que é o problema

EM: né?... lembra que a gente conversou sobre essa informação né?

JM: é!

EM: mas... enfim...

JM: mas o problema... eu não queria falar... mas... honestamente... nós não... não encontro... pessoas que pareçam comigo...

MG: como assim?

JM: que pareçam comigo... não... que falam... essa... é... que falam junto... comigo... as pessoas... as... quando eu tive o AVC...

EM: ãh?

JM: (...) eu tive... tenho a impressão que... dois... dois meses... quatro... não... três meses... fiquei sem falar...

Nesse exemplo, JM faz uma reflexão sobre a forma do que foi dito por ele. Percebendo a imprecisão que a sua fala havia apresentado (*‘não encontro... pessoas que pareçam comigo’*), complementa a sua fala de modo a explicar em outras palavras o que acabara de dizer (*‘que pareçam comigo... não... que falam’*).

²⁶ Exemplo extraído da reunião do dia 09 de outubro de 2003.

As *estratégias modalizadoras* ou *metapragmáticas* aparecem para ‘suavizar’ a fala do locutor que tenta, dessa maneira, ‘preservar sua face’ seja por meio “da introdução no texto de atenuações, ressalvas, bem como marcar o grau de comprometimento, de engajamento do locutor com o seu dizer, o grau de certeza com relação ao dito” (Koch, 2004: 125).

No exemplo abaixo descrito, o grupo estava conversando sobre a divulgação da greve que houve na Unicamp em 2003 nos meios de comunicação, quando NS fala sobre uma possível greve dos transportes alternativos da cidade de Sumaré-SP²⁷.

EM: //sobre a greve// sai alguma coisa no jornal regional?

EF: sai

EM: sai?

//EF respondeu afirmativamente com a cabeça//

EM: sai que a Unicamp tá parada?

//EF respondeu afirmativamente com a cabeça//

NS: ontem eu vi a: ... perua... ontem eu vi...

EM: a perua tá em greve também?

NS: é!... não... falou assim é...

JM: a perua?

NS: a perua... greve...

JM: é?

NS: é!

JM: tá em greve?

NS: em Sumaré não... *não sei em outro lugar*... eu sei... a perua... a greve... não tem... não tem é:: ... como chama? //EF friccionou o dedo polegar no indicador da mesma mão parecendo sinalizar ‘dinheiro’//... como chama?.. não tem o:: ... gasolina...

EM: gasolina?... isso lá em Sumaré?

NS: não não...

EF: [Ó... ó... ó //EF friccionou novamente o dedo polegar no indicador, para sinalizar ‘dinheiro’//

EM: não tem é dinheiro né? //dirigindo-se a EF//

²⁷ Exemplo extraído da reunião do dia 14 de agosto de 2003.

NS: não sei em que bairro... não sei que bairro... não sei mas...

EM: sei

NS: (...) tá grave... não tem dinheiro...

EM: tá GRAve... tá em GREve né?

//risos de EM e NS//

NS: greve... eu falei GREve....

No exemplo dado, NS, ao comentar com o grupo sobre uma possível greve das ‘peruas’ (transporte alternativo), visa uma *preservação de face* ao não generalizar a informação que trouxe ao grupo, dizendo ora que não sabe como está a situação em outro lugar, ora que não sabe em qual bairro. A não generalização traz certa neutralidade para a sua fala que transmite o que quer dizer sem se comprometer demasiadamente.

Finalmente, existem também as *estratégias metaenunciativas*, que são aquelas constituídas pela reflexão que o locutor faz no momento do ‘dizer’. “Segundo Authier (1981), ocorre, nesses casos, no quadro de um único ato de enunciação, um acúmulo sobre o dizer de um elemento, de um comentário sobre o próprio dizer.” O sujeito “duplica-se em autocomentador de suas palavras: trata-se de não-coincidências constitutivas do próprio dizer” (Koch, 2004: 127).

No exemplo apresentado abaixo, o grupo estava conversando sobre a existência ou não de afásicos no norte e no nordeste do Brasil. A informação que se tinha era a de que não se tem notícias da existência de afásicos nessas regiões. No trecho apresentado abaixo, a discussão girava em torno da hipótese apresentada por JM de que deveria ter menos afásicos por conta de a população dessas regiões viverem longe dos grandes centros²⁸.

JT: mas JM... o senhor tá... por um acaso... se referindo aqui... a afasia é um mal onde surge mais nos grandes centros...

JM: exatamente!

²⁸ Exemplo extraído da reunião de 04 de setembro de 2003.

JT: (...) que no interior do Brasil tenha menos por conta de... um outro ritmo de vida e tal...

JM: exatamente!... exatamente!

EM: é... //dirigindo-se ao JM// o senhor acha isso?

JM: eu... não sei //falou rindo//

EM: não... é interessante.. mas é interessante...

JM: eu não sei... porque no... no Amazonas não tem ninguém que seja afásico... é lógico que tem... mas...

EM: [a gente não sabe...

JM: é... é... é... o.. o...

MN: só se já morram... //risos gerais//... só se já morram com o derrame porque se não forem tratados a tempo... não vivem...

MG: é!... é verdade!

EM: mas a questão que o JM coloca MN... eu acho... veja se é isso JM... é que... bom... as pessoas têm afasia porque tem algumas complicações de saúde... por exemplo...

JM: exatamente!

Neste exemplo, JM reflete sobre o seu próprio dizer. Primeiramente JM afirma que ‘*no Amazonas não tem ninguém que seja afásico*’, depois, parece ter notado o exagero da generalização de sua fala, e ponderou fazendo um comentário sobre o seu próprio dizer, como quem diz que é apenas ‘modo de dizer’ (*‘lógico que tem.... mas...’*).

Para que seja possível vislumbrar ao menos parte do que foi dito até aqui, segue um dado interessante para se observar “os movimentos de explicitação das manobras feitas do sujeito sobre a linguagem em função de ajustes e adequações promovidos pela interação, pela interlocução, por múltiplas atividades psico-sociais” (Busato, 2001:108).

No dado a ser apresentado a seguir, datado 14 de agosto de 2003, o sujeito MG estava contando ao grupo que, após longa espera por conta de burocracias e de greve do Ministério Público Federal, o carro adaptado que havia comprado estava para ser liberado. O grupo acompanhou a ansiedade vivida por MG durante todo o tempo de espera, o que justifica o interesse coletivo pelo fato.

1. **EM:** [...]... na semana que vem você vem motorizada?
2. **MG:** ah não!
3. **EM:** tem ainda um chã?
4. //MG fez um sinal afirmativo com a cabeça//
5. **EM:** enfim... você tá nesse processo já faz um tempo e... enfim conseguindo fazer as coisas né?
6. **MG:** é::!
7. **JM:** //dirigindo-se a EM// mas... tem um chã?... que dito é esse?
8. **EM:** ah... quer dizer um chã assim... tem ainda coisas para fazer... tem um tempo ainda na/... tem uma série de coisas que ela tem que fazer ainda antes de vir aqui com o carro...
9. **JM:** ah!
10. **EM:** //dirigindo-se a JM// (...) eu não sei ainda que tipo de coisa mas...
11. **JM:** //olhando para MG// e...
12. **EM:** (...) tem ainda uma certa estrada... a gente fala quando usa... entendeu?... tem um certo chã... tem um tempo... tem uma estrada... tem uma coisa ainda para fazer enquanto... é isso ou não? //dirigindo-se a MG//
13. //MG fez um sinal afirmativo com a cabeça//
14. **EM:** MG... você vai lá por exemplo agora e já leva o carro... ou não?... já pega o carro?
15. **MG:** nã::o!
16. **SP:** não... não... não
17. **EM:** tem que paga:r... fazer os papé:is...
18. **MG:** isso!
19. **SP:** [isso!

20. **EM:** //em tom de brincadeira// não pensa não que é chegar e pegar o carro...

21. **MG:** é... é::

22. //risos gerais//

Com este dado, como anunciado anteriormente, tem-se a intenção de mostrar a importância de se considerar os movimentos que os sujeitos fazem sobre a linguagem para a sua própria possibilidade de organização, que não se dá fora das práticas cotidianas de linguagem, nem fora da interlocução. É na interlocução que os sujeitos são ‘convidados’ a encontrar caminhos que possibilitem a construção da significação, perguntando, duvidando, concordando, apoiando etc.

Algumas das estratégias focalizadas neste capítulo são possíveis de serem observadas neste dado. Fazendo uso de uma estratégia metaformativa, EM explicita que irá explicar de uma outra maneira o que não havia sido entendido por JM (linha 8: *quer dizer um chão assim*). Uma outra estratégia metaformativa também foi utilizada, só que desta vez uma *correção autocondicionada*, quando EM provoca uma descontinuação em sua fala (linha 8: *tem um tempo ainda na... tem uma série...*).

Além dessas estratégias também foi feita uma *paráfrase* - um tipo de correção heterocondicionada - por EM quando diz uma expressão (linha 3: *tem ainda um chão?*) que é compreendida por MG, seu interlocutor direto, mas não por JM. Buscando se fazer compreender por JM, EM se auto parafraseia para tentar suprir o não entendimento expresso por JM (linha 8: *ah... quer dizer um chão assim... tem assim coisas para fazer... tem um tempo ainda na... tem uma série de coisas que ela tem que fazer ainda antes de vir aqui com o carro...*). Ao interpelar EM por não ter compreendido a expressão dita, JM demonstra ter percebido que se trata de uma expressão, já que refere-se a ela como um ‘dito’ (linha 7: *mas... tem um chão?... que dito é esse?*). Esse questionamento feito por JM demonstra que ele foi ‘convocado’ a ser um observador da linguagem e a trabalhar sobre ela. Tomando a linguagem como um objeto dela própria, tem-se exemplarmente a metalinguagem ‘acontecendo’. EM, em resposta à pergunta feita por JM, vai construindo o sentido do *dito* de uma maneira que lhe pareça esclarecedora e, durante a sua fala, vai checando se está sendo compreendida (linha 12: *tem ainda uma certa estrada... a gente fala quando usa... entendeu?...*). A

intervenção, o esclarecimento do interlocutor (no caso apresentado, o sujeito EM) permite que o sujeito (no caso, representado por JM) realize manobras dentro de suas possibilidades.

Caso se isolasse a expressão dita por EM (“*tem ainda um chão*”) de maneira a desconsiderar o contexto e a situação interlocutiva, não seria possível admitir a construção que é feita (construção de objeto de discurso) a partir de uma intervenção metalingüística. Então, o uso da metalinguagem fez com que a expressão que a princípio parecia ser subentendida se tornasse um objeto de discurso que necessitava de uma construção de sentido para que os interlocutores pudessem acompanhar a progressão discursiva que se daria a partir dele.

Os exemplos e o dado apresentados neste capítulo, retirados de situações concretas, apóiam uma caracterização mais ampla de metalinguagem, que não a restrinja aos aspectos gramaticais ou que não a aprisione na dicotomia consciente/inconsciente de sujeitos isolados. Mostram que os afásicos em situações de uso da linguagem em contextos sócio-interativos são capazes de a mobilizarem, auxiliados pelos seus interlocutores. Desse modo, é trazido à baila um comentário tecido por Cazelato (2003) em que afirma que as possíveis alterações de metalinguagem “não são capazes de destruir uma espécie de ‘postura meta-enunciativa’ dos sujeitos, que [...] refere-se a um saber lingüístico-cognitivo e a um saber pragmático relacionados enunciativo-discursivamente” (Cazelato 2003:199). Assim, o conhecimento que os sujeitos têm da própria língua, somado à sua prática discursiva e social, permite que mantenham ou adquiram novamente a tal postura, permitindo que se remetam à própria linguagem.

CAPÍTULO 3 – Acompanhando um percurso sócio-cognitivo: “A barriga dói”

Com base nas propostas teóricas apresentadas a respeito de referenciação e metalinguagem como operações lingüístico-cognitivas atuantes na construção de sentidos, o presente capítulo apresenta como proposta a análise do dado referente à expressão mencionada na abertura da introdução (“*A barriga dói*”). Sua finalidade é a de verificar os ganhos heurísticos desse tipo de análise para a compreensão da construção de sentidos na interação discursiva.

Os dados apresentados nos capítulos 1 e 2 foram expostos com o intuito de ressaltar ora um ora outro aspecto, trabalhado em seu respectivo contexto. O dado a ser examinado neste capítulo tem a incumbência de resgatar, aprofundando, as elucubrações teóricas feitas nos capítulos anteriores, mas agora por ocasião de sua mobilização para a explicação dos fenômenos lingüísticos envolvidos em um fluxo interativo real. Dito de outra forma, sua análise irá corroborar o que foi dito sobre a classificação das categorias relativas à referenciação e à metalinguagem, que foram analiticamente separadas na exposição progressiva. Sua retomada em uma mesma situação interativo-discursiva tem, portanto, como primeira finalidade a de evidenciar a simultaneidade e co-ocorrência dos fenômenos lingüísticos enfocados. A segunda intenção que alicerça esta escolha é a de demonstrar que tais categorias/funções da linguagem aparecem na fala dos afásicos assim como na dos sujeitos tidos como ‘normais’, e que a diferença se dá na *maneira* como elas aparecem/acontecem.

Isto posto, faz-se necessário contextualizar o dado que será apresentado e analisado a seguir. Com efeito, trata-se de uma atividade que envolvia o uso e o reconhecimento de expressões idiomáticas. As expressões idiomáticas são formas de enunciados formulaicos que “cristalizados pelo uso, pela tradição cultural e pela memória discursiva, nascem da mediação – necessariamente simbólica – entre sujeito, língua e sociedade” (Morato, 2005a: 255). Sendo assim, podem ser considerados “verdadeiros testemunhos da presença do espaço público e da história na constituição da linguagem (e da cognição de uma forma geral)” (Morato, 2005a: 255).

Vale salientar que as expressões idiomáticas caracterizam-se pela metalinguagem e pela reflexividade enunciativa, e possibilitam a investigação dos

fatores de constituição do sentido e do funcionamento lingüístico-cognitivo; portanto, um lugar do discurso sobre a prática da linguagem, para a constituição do sentido e da significação. Dessa maneira, seu estudo se mostra produtivo nas questões sobre o lingüístico e o cognitivo e nas questões sobre referenciação e subjetividade nas afasias:

os sujeitos, ainda que sob o impacto da alteração de aspectos lingüísticos e cognitivos, trabalham sobre e com a linguagem: dessa maneira, eles atuam com processos alternativos disponíveis, selecionados por eles ou pelos seus interlocutores numa situação enunciativa dada e tendo em vista os efeitos de sentido pretendidos (Morato, 2001:72).

Durante a atividade proposta , o grupo procurava reconhecer e interpretar o sentido de várias expressões idiomáticas a partir de figuras que propunham retratar supostos sentidos literais. As figuras foram projetadas em um telão e discutidas uma a uma pelo grupo. A dinâmica consistia em imaginar as cenas enunciativas em que cada expressão, ou melhor, cada figura poderia ser empregada. O grupo mostrou grande adesão ao ‘jogo metafórico’ e, após discutirem a expressão “marcar touca” (em que na figura aparecia um sujeito de costas com uma touca com um ‘X’ marcado nela), passou a decidir se iria ou não ver mais figuras de expressões idiomáticas, quando NS²⁹ se lembrou de uma expressão.

1. **NS:** //dirigindo-se a EM// por que é... é... barriga dói?
2. **EM:** ãh?
3. **NS:** por que barriga dói?
4. //silêncio enquanto as pessoas se entreolhavam//
5. **EM:** por que barriga dói?

²⁹ “Caracterizam o quadro afásico de NS, em termos neurolingüísticos, dificuldades no acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo”. (Cazelato, 2003).

6. **NS:** é
7. //o grupo riu//
8. **NS:** expressão... expressão
9. **HM:** a expressão... quando fala... a barriga dói?
10. **NS:** [não...]
11. **JC:** goiaba tem bicho... não é isso?
12. **NS:** NÃO
13. **EM:** peraí... você tá falando da expressão?
14. **NS:** é
15. **EM:** ...a barriga dói?
16. **NS:** é
17. //EM e HM entreolharam-se//
18. **HM:** não conheço não
19. **RN:** mas com esse sentido MG... é NS... de marcar touca?
20. **NS:** espera... espera... eu penso... a Teresa... a Teresa
21. **EM:** diga... diga...
22. **NS:** a Teresa mente... falo assim: “você vai ver Teresa um dia barriga dói”
23. **EM:** ah! //com uma fisionomia de contentamento//
24. **JC:** Como é que é?... ela mente?
25. **EM:** //dirigindo-se a JC// ela mente... aí ela tem um castigo futuramente... um dia...
26. **NS:** ...um dia barriga dói
27. **EM:** um dia alguém te pega
28. **NS:** //concordando com EM// é... sabe por que?... a Teresa mente... a Teresa mente né?... a Teresa mente... eu falo pra ela a barriga dói
29. **EM:** um dia a barriga dói

30. **JC:** //dirigindo-se a NS// você falou pra ela?
31. **NS:** já
32. **JC:** tem a ver com Prometeu acho... (SI) //grupo fala ao mesmo tempo//
33. **NS:** então... que nem... espera... eu penso... eu penso... eu penso Teresa vamo Sumaré... a Teresa não vai... aí eu falo: “Teresa você vai vê... a barriga dói... na minha casa ó... acabô... a barriga dói...
34. **JC:** você fala isso pra ela?
35. **NS:** é
36. **JC:** um dia Teresa... a barriga dói //repete a expressão para tentar compreender o significado dela//
37. **EM:** como alguma coisa que te vai acontecer...
38. **FC:** um dia a casa cai
39. **JC:** é por aqui tem muitas coisas frágeis //aponta para a sua barriga//
40. **NS:** não... barriga dói... pensa ó //eleva a mão à cabeça//
41. **EM:** é a barriga não dói de fato...
42. **NS:** //concordando com EM// não... não... a barriga dói
43. **EM:** um castigo vai acontecer né?... você mente agora mas um dia...
44. **NS:** isso... isso...

Inicialmente, pode-se observar nas linhas 2 (fala de EM: *ãh?*) e 3 (*silêncio do grupo*) o estranhamento que houve frente à fala de NS. Esse estranhamento inicial percebido e considerado por NS foi o que suscitou a construção feita durante toda a interação discursiva.

Ao dizer ‘*expressão... expressão*’ (linha 8), NS demonstra utilizar, em um metadiscurso, uma estratégia metaenunciativa. Em outras palavras, tem-se uma reflexão do próprio dizer, uma, segundo Koch (2004) *configuração enunciativa complexa*, já que o “*enunciador duplica-se em autocomentador de suas palavras: trata-se de não-*

coincidências constitutivas do próprio dizer” (Koch, 2004: 127). Nessa demonstração de tipo metadiscursivo, NS explicita de que ordem é a sua fala: é da ordem das idéias, do pensamento, estabelecendo, assim, uma orientação argumentativa específica, portanto utilizando uma função de organização textual.

É possível verificar uma negociação colaborativa de construção entre as linhas 9 e 16, em que se busca compreender sobre o que NS está falando. Aqui é demonstrado claramente a busca que os interlocutores de NS fazem para descobrir o referente. EM, em sua fala (linhas 13 – *‘perái... você ta falando da expressão?’* - e 15 – *‘... a barriga dói?’*), procura organizar o que até então estava confuso. Para isso, EM retoma duas das falas de NS, aquela em que esclarece estar falando de uma expressão e aquela em que fala qual é essa expressão.

Entre as linhas 13 e 16 há um reajuste de referência discursiva: há uma negociação tópica entre EM e NS sobre o que vão falar. Antes da construção do objeto de discurso há uma elucidação para saber sobre o referente a ser tratado na interação discursiva – EM utiliza uma estratégia metaenunciativa para ter clareza do que afinal vão falar.

Na linha 19 (*‘mas com esse sentido MG... é NS... de marcar touca?’*), RN tenta compreender a fala de NS buscando o sentido imediatamente anterior (função cognitiva de referência por meio de uma reativação da memória), que foi o da expressão ‘marcar touca’, discutida, conforme a própria descrição do contexto inicial do dado mostrou, pelo grupo. Nesse caso, RN está aferindo o sentido da expressão procurando um equivalente formulaico.

Na linha 17, a troca de olhares entre EM e HM demonstra que um sujeito busca no outro a resposta para o sentido da expressão ‘a barriga dói’. Tal troca de olhares é tão significativa que HM responde (linha 18 – *‘não conheço não’*) que não conhece tal expressão, como se tivesse ‘verbalizado’ a sua intenção. Aparece aqui uma ocorrência de semiose não-verbal, em que não foi necessário que EM dissesse ou perguntasse verbalmente alguma coisa à HM. A troca de olhares foi tão significativa, que HM respondeu exatamente o que EM estava procurando saber.

A fala da linha 20 (*‘espera... espera... eu penso.. a Teresa... a Teresa...’*) constitui uma tentativa de NS de exemplificar para o grupo aquilo que quer dizer. Foi essa exemplificação que fez com que EM compreendesse a expressão e auxiliasse

NS a explicar para o restante do grupo o sentido da expressão ‘a barriga dói’. Assim, pensando em uma escala que varia entre o ‘sentido zero’ e o ‘sentido completo’, a expressão já não está mais ‘vazia de sentido’ para o grupo: a partir desse momento (linha 20), parte do grupo já havia compreendido ao menos o caminho a ser trilhado para a compreensão da expressão ‘A barriga dói’.

Apesar de um dos componentes do grupo parecer já ter compreendido o sentido da expressão, NS continua a trilhar um caminho para levar o restante do grupo a alcançar tal sentido³⁰. Dessa maneira, NS, na linha 22 (*‘a Teresa mente... falo assim: “você vai ver Teresa um dia barriga dói”*”), apresenta uma cena enunciativa em que explicita o lugar que a expressão ocupa no uso: você faz a coisa errada e algo te acontece – mostra uma relação de causa e efeito.

Entre as linhas 25 e 27, quando EM e NS completam uma a fala da outra buscando ajustar o sentido da expressão, aparece uma nova colaboração para a construção do sentido.

Nas linhas 27 e 38, EM e FC fazem uma paráfrase (um tipo de correção feita por meio de estratégias metaformulativas) da expressão, o que também fazia parte do jogo que estava acontecendo. Há uma tentativa de *equivalência* entre as expressões ‘*um dia barriga dói*’, ‘*um dia alguém te pega*’ (linha 27) e ‘*um dia a casa cai*’ (linha 38).

Quando JC diz ‘*tem a ver com Prometeu acho...*’ (linha 32), faz uma ‘digressão’. Como consideramos aqui o tópico como um elemento discursivo minimamente organizado, articulado na seqüência discursiva, estamos diante, de fato, de um caso de ‘descontinuidade tópica’ (Jubran *et al*, 1989). Na tentativa de compreender a expressão, JC busca conhecimentos outros que não cabem na discussão daquele momento. Em sua fala imediatamente após a de JC, NS (linha 33 – *‘então... que nem... esera... eu penso... eu penso... eu penso Teresa vamo Sumaré... a Teresa não vai... aí eu falo: “Teresa você vai vê... a barriga dói... na minha casa ó... acabo... a barriga dói...”*’) fez um ‘corte’ na fala de JC e reintroduziu, o tópico conversacional, por meio do ‘*então*’. Dessa maneira, fez com que a interação discursiva tivesse uma continuidade tópica.

³⁰ Digo “alcançar tal sentido” por conta da expressão se tratar de uma expressão formulaica que, como apresentado no início deste capítulo, trata-se de um sentido já construído e cristalizado.

Quando JC (linha 39 – *‘é por aqui tem muitas coisas frágeis //aponta para a sua barriga//’*) aponta para a própria barriga para buscar mais uma vez um ajuste do sentido da expressão ‘a barriga dói’, NS rejeita esse tipo de interpretação (linha 40 – *‘não... barriga dói... pensa ó //eleva a mão à cabeça//’*), dizendo e sinalizando que o sentido é de outra ordem: da ordem das idéias, do pensamento. EM explicita o gesto de NS de apontar para a cabeça na linha 41: *‘a barriga não dói de fato’*. Aqui tem-se uma sinalização metaenunciativa, NS evidência em sua fala que está se ‘dobrando sobre o seu próprio dizer’, está utilizando a linguagem para falar sobre ela mesmo.

A construção do sentido da expressão ‘a barriga dói’ se deu de maneira colaborativa durante toda a interação. A confirmação de que o ‘sentido foi atingido’ pode ser apreciado nas falas finais e, mais pontualmente, na última fala de NS (linha 44 – *‘isso... isso...’*) que dá o seu aval para o ‘resultado final’ dessa construção.

Como consideração final, vale notar que existe no dado uma construção sócio-interacional a partir das manobras lingüístico-cognitivas realizadas pelos sujeitos. Além das operações e estratégias explicitadas na análise, também é possível identificar algumas manobras mais gerais que estão envolvidas nesse processo de construção do sentido, tais como: intersubjetividade (quando um considera a fala do outro, buscando um reconhecimento de intenção), processos meta (reajustes), remissão à memória cultural e discursiva. Vale considerar ainda que esse tipo de interpretação sugere que para se chegar a um ‘entendimento’ não basta o conhecimento metalingüístico e nem mesmo a significação lingüística, mas também o reconhecimento do outro (o interlocutor) e o discurso desse outro (a polifonia).

Sendo assim, pode-se concluir que a construção de sentido produzida no episódio selecionado mostra o trabalho lingüístico-cognitivo conjunto e situado na interpretação, além da manipulação de estratégias enunciativas e pragmáticas, como a intertextualidade, a inferenciação e a argumentação. A construção do sentido se deu porque o sentido da expressão idiomática apresentada por NS que era desconhecido pelo grupo, foi resgatado de maneira conjunta, por meio de uma atividade marcadamente interativa, fundamentada num processo de natureza sócio-cognitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS

Esta pesquisa pretendeu abordar as questões relativas aos fenômenos lingüísticos da referenciação e da metalinguagem presentes na afasia, adotando para isso uma perspectiva centrada em três eixos: um de caráter interativo, um de caráter co-ocorrente de semioses verbais e não-verbais e o terceiro de caráter subjetivo. Estes eixos apareceram amalgamados durante as apresentações, discussões e ponderações feitas acerca dos dados e permitem, à luz da teorização que os fundamenta, fornecer algumas indicações para posteriores aprofundamentos:

A primeira delas é que os processos semiológicos não-verbais aparecem nas interações discursivas coadjuvando, constituindo e construindo os processos verbais. Como exemplo é evocado o dado apresentado no capítulo 1, em que o grupo estava discutindo sobre o conflito entre Estados Unidos e Iraque. O sujeito SP, ao colocar sua posição, serviu-se da gestualidade de maneira significativa (e semiologicamente organizada) para aquele contexto, possibilitando, assim, que EM compreendesse seu ponto de vista (SP achava que os iraquianos iriam se render, o que foi assinalado pela postura corporal, pela expressão facial). Dispensar a atenção teórica a essa simultaneidade de processos semiológicos representa, entre outras coisas, o reconhecimento, no plano conceitual, de um *saber prático sobre a língua* e a linguagem do qual os sujeitos são portadores e agentes. Como se observa, trata-se de uma ação social que excede o nível exclusivamente fonético-fonológico ou léxico-sintático e, mais importante, de uma ação em que *os próprios agentes reconhecem e fazem uso dessa, por assim dizer, 'extensão'*. Assim, ao menos no caso específico da afasia, “o surgimento e a tomada de consciência da co-ocorrência de semioses pode desenvolver, ao mesmo tempo que a singularidade expressiva do sujeito, a sua tomada de consciência em relação à sua participação no coletivo” (Calligaris, 2005:136).

A segunda constatação é a de que o afásico, apesar da dificuldade em lidar com questões metalingüísticas, não deixa de se comunicar com eficiência, já que o sentido não é construído somente com operadores ou categorias metalingüísticas. É possível ver aí o sentido sendo construído por enunciados constituídos pelos aspectos verbais e não-verbais, produzido tanto por processos semiológicos, como por conhecimento de mundo, por elementos da memória cultural, por processos icônicos, por sensações *etc.* Esta indicação parece estar de acordo com recentes pesquisas sobre afasia no campo da

Neurolingüística com as quais esta dissertação compartilha os pressupostos sócio-cognitivos.

Como corolário da segunda, tem-se finalmente uma terceira indicação: há que se considerar o fato de que o sujeito afásico não perde a competência para a linguagem por ter sua capacidade de realizar operações metalingüísticas alterada. Se assim o fosse, como seria possível explicar as interações lingüístico-discursivas apresentadas e discutidas no decorrer desta dissertação? Isso quer dizer que a metalinguagem não se reduz a operação metalingüística *stricto sensu*. Os dados apresentados sugeriram a existência e o agenciamento de uma série de estratégias discursivas e textuais de que os sujeitos em interação se valem para

dar conta de suas intenções discursivas quando expostos à arena social instituída pelo uso da linguagem, mostrando que um afásico não silencia discursivamente, apesar das dificuldades que possa ter, e mesmo apesar da avaliação que faz em relação às suas próprias dificuldades (Tavares, 2005:93).

Na verdade, esta dissertação corrobora a tese que aponta para a necessidade de uma reavaliação e para uma possível alteração do estatuto teórico da própria noção de competência, não mais a reduzindo exclusivamente a uma capacidade metalingüística ou a uma faculdade mental individual, mas, ao invés disso, considerando-a como prática sócio-cognitiva que tem lugar em situações enunciativo-interativas. Isto significa dizer que as alterações decorrentes da afasia não se constituem, em absoluto, como perdas. Antes, a competência “se reorganiza e se refaz em instâncias interativo-discursivas e no decorrer de diversas ações psico-sociais nas quais se engaja colaborativamente o afásico e seus interlocutores” (Morato, 2005b:4).

Dessa maneira, os aspectos lingüísticos que ficaram latentes no afásico, por conta da lesão cerebral que o acometeu, parecem ser ‘reativados’ pelo seu interlocutor que tem um papel fundamental nessa ‘reconstrução da linguagem’. Nas palavras de Macedo: “o outro (ação externa) faz o papel de regulador que levará a uma auto-

regulação, ou seja, o papel do meio social e cultural do qual o sujeito faz parte é de formador das funções psicológicas e é o outro, interlocutor que fará com que as ações e funções já internalizadas, sejam ativadas (Macedo, 2003: 61).

Considera-se ainda a importância de afirmar que aqui não se está reduzindo a significação às práticas interativas que foram apontadas e firmemente colocadas durante toda essa pesquisa. As direções dadas servem, antes, como uma proposta de análise, em que, tal como em Marcuschi (2001), serve como base para os ‘processos referenciais’. O autor propõe “que se veja a interação como ponto de convergências para a construção de referentes ou de sentidos, mas não a fonte do sentido”. Destaca ainda alguns “bastidores interessantes nessa “arena” interativa, tal como a história, a cultura, a sociedade, as crenças e assim por diante, que se sobrepõem aos indivíduos em carne e osso” (Marcuschi, 2001: 43).

Permita-se aqui uma breve digressão a respeito do tema da competência, que vale muito mais como um apontamento para desdobramentos temáticos futuros. Como se pode inferir do que foi dito, essa maneira de considerar o conceito implica em reconsiderar as “propriedades sócio-cognitivas da competência”. Entre estas, destacam-se a racionalidade comunicacional, a reflexividade e a aceitabilidade social. Em poucas palavras, a partir desse ponto de vista, a competência é conceituada como o

método pelo qual os indivíduos constroem métodos de conhecimento do mundo. Ou seja, a reflexividade é o motor da ação; é a revisão constante da ação permitida pela linguagem. A competência revela ou manifesta nossas avaliações a respeito de nós mesmos, das ações humanas; dos processos lingüísticos e cognitivos. Assim, embora essa idéia de competência nem sempre implique reflexividade, é responsável por ela (Morato, 2005b:57).

Desta perspectiva, e para retornar ao ponto frisado no decorrer da dissertação, o fato de alterações metalingüísticas estarem presentes nas afasias parece não ser

determinante para que os sujeitos percam a competência lingüística e, tampouco, percam as possibilidades discursivas e pragmáticas que a permeiam.

Para finalizar, pode-se afirmar que trabalhar com os conceitos de referência – tida como um processo – e de metalinguagem – tida como uma capacidade abrangente lingüístico-pragmático, e que se situa no Lingüístico, na Pragmática, no Discurso – é lançar luzes sobre a situação discursiva dos afásicos e também permite afirmar que a afasia, pelas particularidades que possui, é um lugar frutífero de investigação para a Ciência da Linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- APOTHÉLOZ, D. & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (1995). Construction de la référence et stratégies de désignation. In: Berrendonner, Alain; M-J. Reichler-Beguelin (eds), p. 227-271.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1998). Palavras incertas: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- BASSI, E. (2005). A noção de grupo em práticas interativas entre afásicos e não-afásicos. In Cd do Congresso Internacional Linguagem e Interação e III Colóquio Nacional de Filosofia da Linguagem: Linguagem e Interação. São Leopoldo -RS.
- BENTES, A. C. (2001). Processos de referenciação em duas configurações narrativas: o conto popular e a estória oral. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (41): 177-189, Jul/Dez.
- BENVENISTE, E. (1976/1988). Problemas de Lingüística Geral I. Campinas: Pontes & Editora da UNICAMP.
- BUSATO, V. (2001). A noção de “metalinguagem” no campo da neurolingüística: um estudo enunciativo. Dissertação de Mestrado, 2001 – IEL. Unicamp.
- CALLIGARIS, J. (2005). Semioses co-ocorrentes no contexto das atividades do CCA. Relatório Final da Pesquisa FAPESP. Processo 03/02604-9.
- CAMERIN, I. M. P. (2005). O discurso cotidiano no CCA – Centro de Convivência de Afásicos (IEL/UNICAMP). Dissertação de Mestrado.
- CARVALHO, M. A. F. (2005). O Funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião. Tese de doutoramento. Campinas, SP: [s.n].
- CAZELATO, S. E. de O. (2003). *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Dissertação de Mestrado, IEL – Unicamp, Campinas.
- CHOMSKY, N. (1998). Linguagem e Mente. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

- COUDRY, M. I. H. (1988). *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2002). Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (42): 99-129, Jan./Jun.
- DUCROT, O. (1987). *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães – Campinas, SP: Pontes.
- JAKOBSON, R. (1954/1981). Dois tipos de linguagem, dois tipos de afasia. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- _____ (1956/1988). El metalenguaje como problema lingüístico. *El marco del lenguaje*, (81-91) México: Fondo de Cultura Económica.
- _____ (1960/1981). *Lingüística e Poética*. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- JUBRAN, C.C.A.S. (2005). Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: Koch, I.G.V.; Morato, E.M.; Bentes, A.Christina (orgs). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto.
- KLEIBER, G. (1997). Sens, référence et existence: que faire de l’extra-linguistique? *Langages*, 127, 9-37.
- KOCH, I. G. V. (1999). Expressões referenciais definidas e sua função textual. In: Lélia Parreira Duarte (org.). *Para sempre em mim: Homenagem a Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: CESPUC. pp. 138-150.
- _____ (2000). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000. 4ª edição.
- _____ (2001a). A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (41): 75-89, Jul./Dez.
- _____ (2001b). *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.

- _____ (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- _____ (2004). *Introdução à Lingüística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Texto e Linguagem)
- _____ & ELIAS, Vanda Maria (2006). *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- _____ & MARCUSCHI, Luiz Antonio. (1998) Processos de Referenciação na produção discursiva. D.EL.T.A., Vol. 14, nº Especial, 1998 (169-190).
- LEBRUN, Y (1983). *Tratado de Afasia*. São Paulo: PANAMED.
- LISPECTOR, C. (1999). *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- LYONS, J. (1977). *Semântica I*. Editora Presença/Martins Fontes: Lisboa.
- MACEDO, H. de O (2003). Atividade metalingüística em discussão: a refacção textual escrita de sujeitos afásicos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (45): 59-68, Jul./Dez.*
- MARCUSCHI, L. A. (1999). Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos, Campinas, v. 3, p. 21-46.*
- _____ (2001). Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (41): 37-54, Jul./Dez.*
- _____ (2002). Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: *Veredas – revista de estudos lingüísticos, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.6, n.1, jan./jun., Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 43-62.*
- MONDADA, L. (2001). Gestion du topic et organisations de la conversation. *Cadernos de estudos Lingüísticos, Campinas, (41): 7-36, Jul./Dez.*

- _____ & DUBOIS, D. (2003). Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma Abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação. Clássicos da Lingüística 1*, São Paulo, Contexto: 2003.
- MORATO, E. M. (1997a) A pesquisa em Neurolingüística: problemas e perspectivas. *Anais do Seminário do GEL*, nº 46, 300-303, São José do Rio Preto.
- _____ (1997b). Processos de Significação e Pesquisa Neurolingüística. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (32): 25-35.
- _____ (2000a) As afasias entre o normal e o patológico: da questão neurolingüística à questão social. *Direito à fala- a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular.
- _____ (2000b). Neurolingüística. In: Mussalim, F. & Bentes, A.C. *Introdução à Lingüística – Domínios e fronteiras da Lingüística*. São Paulo: Cortez.
- _____ (2001). (In) determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (41): 55-74, Jul/Dez.
- _____ (2002). O impasse internalismo x externalismo e suas influências sobre os estudos neurolingüísticos. *Veredas* (10): 131-139.
- _____ (2003). O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolingüísticos?. *Saudades da língua: a lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp/ Eleonora Albano et al (orgs.)*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- _____ (2004). Operações epilinguísticas e metaenunciativas na atividade referencial de afásicos e não afásicos. (Apresentação de trabalho/simpósio). Mimeo.
- _____ (2005a) Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: Koch, I.G.V.; Morato, E.M.; Bentes, A.C. (orgs). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto.
- _____ (2005b) Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL-UNICAMP). Relatório Final da Pesquisa FAPESP. Processo 03/02604-9.

- _____ (2005c). Referenciação e Subjetividade nas práticas de um centro de convivência de afásicos e não-afásicos. *In: Cd do Congresso Internacional Linguagem e Interação e III Colóquio Nacional de Filosofia da Linguagem: Linguagem e Interação*. São Leopoldo -RS.
- POSSENTI, S. (1992) “Metalinguagem, tem!”, in: *Anais de seminários do GEL*, v. XXI, Franca/ São Paulo.
- REZENDE, R. C. (2005). *Ethos e progressão textual: a construção Linguístico-discursiva do ethos dos narradores de relações de Heleno Godoy*. Campinas, SP (Dissertação de Mestrado).
- RISSO, M.S. & JUBRAN, C.C.A.S. (1998). O Discurso Auto-Reflexivo: Processamento Metadiscursivo do Texto. *In: D.E.L.T.A., Vol. 14, N° Especial (227-242)*.
- SALOMÃO, M.M. (1999). A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos de linguagem. *Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos*, 4. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora. P. 61-79.
- _____ (2003). Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. *In: Caderno de Estudos Lingüísticos*, 44, Campinas: jan./jun., p. 71-84.
- TAVARES, E. (2005). *A competência argumentativa de pessoas afásicas: contribuição da teoria dos topoi aos estudos neurolingüísticos*. Relatório Final da Pesquisa FAPESP. Processo 03/02604-9.
- TURNER, M. (1996). *The literary mind*. New York: Oxford University Press.
- VAN DIJK, T. (1992). Modelos na memória – o papel das representações da situação no processamento do discurso. *In: Ingedore Grunfeld Villaça Koch. (org.). Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto.
- ZAMPONI, G. (2003) *Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações*. Tese de doutoramento. IEL/UNICAMP.

ANEXOS

ANEXO 1. Quadro com as marcações da transcrição.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Simultaneidade de vozes	[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [eu falava.. mas NS: [quatro ano.. deixa
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou	“ ”	aqui... “vimos por

leituras de textos		meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
--------------------	--	--

ANEXO 2. *Breve histórico dos sujeitos afásicos (Histórico retirado de Cazalato, 2003).*

Sujeito NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas, de 43 anos, nascida em 28/12/1959 na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado nesse hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à esquerda. Nesse diagnóstico, houve dúvidas sobre a existência de Síndrome Piramidal frontal à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita. No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural nesta região. Em termos neurolingüísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades no acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

Sujeito IP

IP é uma senhora brasileira, de 71 anos, destra, casada, enfermeira aposentada, nascida em 21/12/1931 na cidade de Jaú (SP). Em 22/11/1988 foi diagnosticado no Hospital de Clínicas da UNICAMP, após crises de dor de cabeça e tonturas, uma estenose carotídea bilateral com arritmia cardíaca, ou seja, obstrução arterial crônica de carótidas, bilateralmente. No dia 24/11/1988, IP foi submetida à cirurgia, uma endarterectomia arterial da carótida interna direita, e em 15/12/1988, foi submetida à essa mesma cirurgia do lado esquerdo para a ressecção do aneurisma. Foi diagnosticado um Acidente Vascular Cerebral isquêmico de artéria cerebral média à esquerda, distúrbio vascular isquêmico parietal esquerdo. O quadro afásico de IP caracteriza uma afasia motora com discreta hemiparesia facial à direita. Além disso, apresenta voz débil e por vezes inaudível. Como conclusão, IP apresenta seqüelas de infartos nos territórios corticais da artéria média esquerda e nos ramos profundos da artéria cerebral anterior

esquerda. Devido às crises de vertigem, em 11/12/01, foi diagnosticado também surdez mista à esquerda, de etiologia a esclarecer.

Sujeito MG

MG é uma senhora brasileira de 54 anos, nascida em 04/04/1948, destra, solteira, agente de turismo recém-aposentada, com curso de contabilidade. Em 31/12/1999 teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando seqüelas de Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC) isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial, além de uma dispraxia construcional.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas, em especial).

Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é muitas vezes laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou "neologizantes"). Embora proceda a operações epilingüísticas, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder a processos inferenciais.

Sujeito SP

SP, um senhor de 69 anos, nascido em 10/03/1933, casado, destro, de origem italiana, que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia à direita. Segundo SP, o terceiro de uma irmandade de oito, todos falavam francês, tanto em casa como fora dela, isto é, na escola e em outras práticas sociais no país em que passaram a viver.

De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que no período pós AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês - e seja o francês a sua "língua do pensamento" - é o português a língua com que mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA). Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e iterações, parafasias verbais e fonológicas, *etc.* No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença da mesma constelação semiológica.

Breve histórico dos pesquisadores

(Fonte: http://www.unicamp.br/iel/labonecca/grupo_pesquisa1.htm)

Pesquisadora EM

Edwiges Maria Morato é professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É pesquisadora do CNPq e da FAPESP e atua especialmente no campo dos estudos neurolingüísticos. É co-responsável pelo Laboratório de Neurolingüística e do Centro de Convivência de Afásicos, do Instituto de Estudos da Linguagem.

Pesquisadora RN

Rosana do Carmo Novaes-Pinto é professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisadora do CNPq. Participa ativamente do Laboratório de Neurolingüística e do Centro de Convivência de Afásicos, do Instituto de Estudos da Linguagem.

Pesquisadora HM

Heloísa Macedo é fonoaudióloga, mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC-SP e doutora em Linguística pela UNICAMP. Participa de atividades de pesquisa ligadas ao LABONE e tem um projeto sobre produção científica junto a PUC Campinas.

Pesquisadora ET

Eliana Tavares é professora de Linguística do Departamento de Letras e Artes da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Linguística pela UFSC e doutoranda em Linguística pela UNICAMP.

Pesquisadora FC

Fernanda Miranda Cruz é mestre em Linguística pela UNICAMP e aluna do Programa de Doutorado no Departamento de Linguística no IEL-UNICAMP. É

pesquisadora do CNPq e da FAPESP, atuando especialmente no campo dos estudos neurolingüísticos e participa das pesquisas e das atividades desenvolvidas no CCA.

Pesquisador JT

José Amâncio Tonezzi de Oliveira é ator e diretor, formado em Artes Cênicas e Mestre em Psicologia Educacional pela UNICAMP. É editor da revista Cênica, professor de Teoria e Interpretação na Escola Livre de Teatro do Laboratório do Ator e pesquisador do Centro de Convivência de Afásicos do Departamento de Lingüística da UNICAMP.